Cinearte

ANNO IV N. 191
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1929
Preço para todo o Brasil 1$000

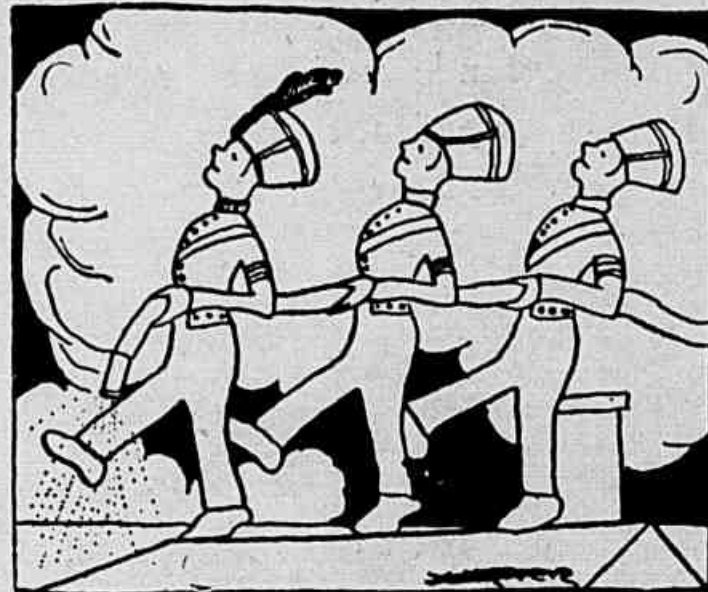
WILLIAM POWELL

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma O MALHO mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empreza, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itauna, 419, onde sempre estiveram.

Lily Damita já está em New York de volta de Paris onde passou umas curtas férias.

Os films curtos estão tomando um formidavel impulso agora nos Estados Unidos. Aliás, os "shorts" serão sempre os melhores "talkers". Os desenhos animados são mesmo a melhor cousa que o Cinema Falado nos dá.

Em meiados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôar um desejo, um anseio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surprezas. Nenhum brinde, porém, mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, emfim, conterá o primoroso "Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

LEIAM "Para todos", a melhor revista semanal.

O mais luxuoso
ANNUARIO DO BRASIL
e o unico no seu genero
Retratos a côres e trichromias de todos os grandes artistas do cinema.
FAÇA DESDE JÁ O PEDIDO do seu exemplar desta luxuosissima publicação, enviando-nos 9$000 em carta registrada, em vale postal, em cheque ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA
"O MALHO"
TRAV. DO OUVIDOR, 21
RIO
Cinearte
ALBUM
ESGOTADO em 5 ANNOS SEGUIDOS
Cinearte
Album
1930

ANNO IV
NUM. 191
23 de Outubro de 1929

MARY NOLAN

RAROS os jornaes hoje que deixem de dar a devida importancia ao Cinema, já consagrando-lhe secções permanentes que estas as mais das vezes têm o defeito de publicar quasi que exclusivamente materia de propaganda que as agencias locadoras de films distribuem sempre com excesso... desde que não lhes custe dinheiro a publicidade, ou então publicando esporadicamente notas sobre cinematographia em geral.

Nestes ultimos mezes é o Cinema educativo que tem inspirado maior numero de publicações, por isso que já começa a interessar não só a administração publica mas ainda a quantos se preoccupam com os assumptos pedagogicos; não somente se traz a publico o que em materia de Cinema educacional se quer fazer ou se vae fazendo entre nós, mas tambem quantos artigos apparecem na imprensa estrangeira são publicados integros ou resumidos.

Fala-se muito na decadencia do Cinema.

Falam em geral os que não lhe perdoam o rapido triumpho sobre o theatro.

O Cinema entretanto não decae. Está apenas evoluindo. Passa presentemente por uma crise: o arremedo do theatro, com o film sonoro. Mas isso é apenas um aspecto do seu assombroso progresso que dentro de breves dias com os apparelhos de irradiação e a photographia em côres, com relevo e transmittida a distancia acabará por levar o film ao lar domestico sem necessidade de recorrer nem mesmo aos actuaes salões de projecção.

E' muito natural e isso mesmo aqui temos affirmado varias vezes que um film falado, em idioma estranho a 95% da população de um paiz não alcance senão o momentaneo successo de curiosidade. Insistir, teimar em introduzil-o é chapada tolice.

Nós estamos aqui nas mesmas condições que a França, a Allemanha a Italia que se insurgem e procuram fazer por si.

O proprio productor "yankee" tanto já comprehendeu a inviabilidade da exploração de semelhantes films perante platéas ignorantes do idioma inglez que affirma francamente contar hoje exclusivamente, além do mercado interno com o Canadá, Australia e colonias em que possa a parte sonora ser intelligivel. Não se trata pois de um phenomeno de decadencia.

O film sonoro é um passo á frente, apresenta extraordinario progresso da Cinematographia.

Mas como toda evolução brusca é mistér para que elle faça caminho adaptar o ambiente, transformar o meio, ou melhor adaptar-se ao meio.

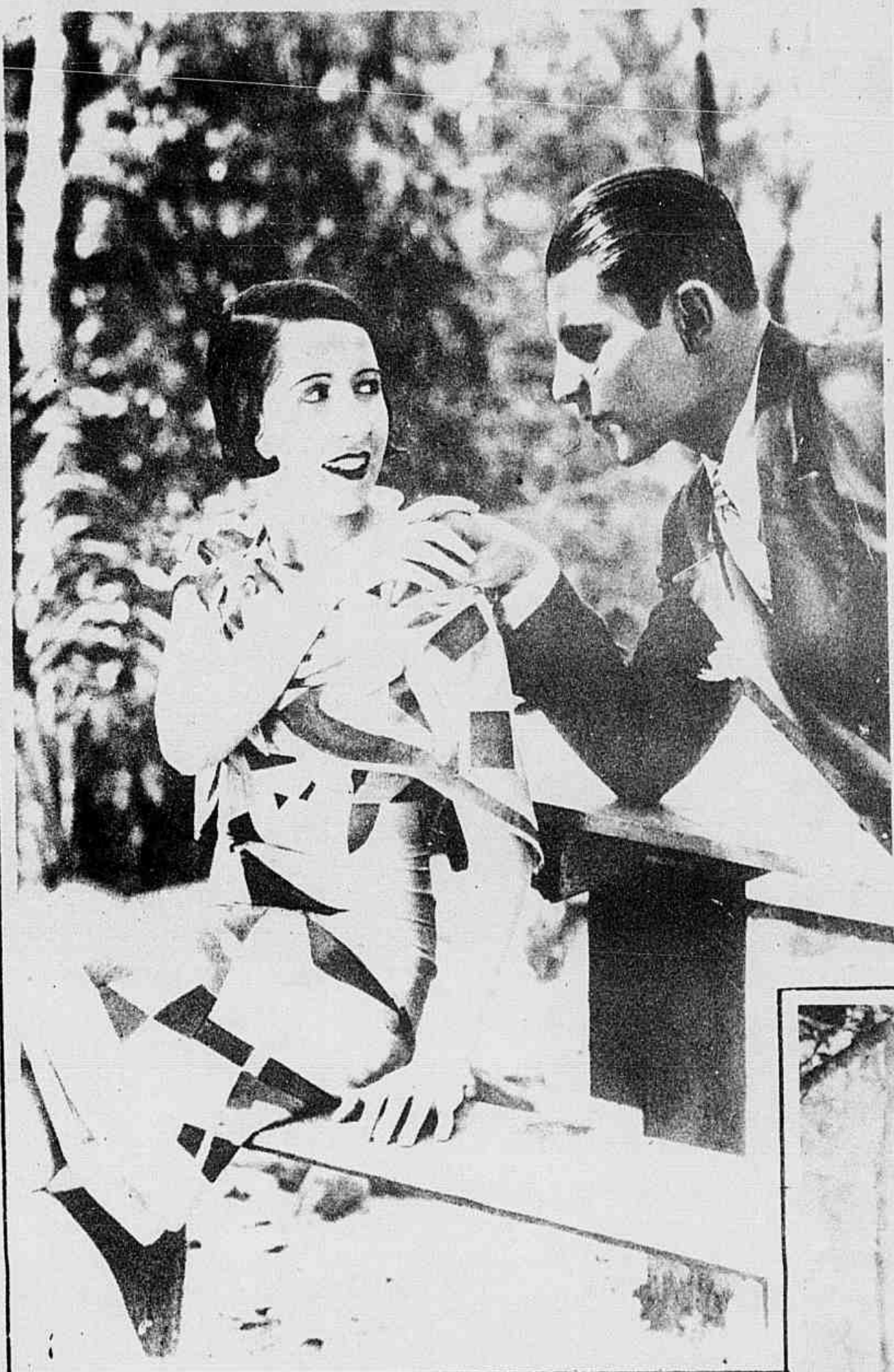
O Brasil tem que fazer por si em materia de Cinematographia. Nossa lingua é tida como uma barreira para o conhecimento da nossa producção literaria.

Portugal, além de nossa patria, é o unico paiz que a fala e assim mesmo as differenças cada dia que se passa vão se accentuando. O numero de Cinemas entre nós não é tão grande que anime os productores a fazer films em portuguez, só para nosso consumo e o de Portugal.

Teremos de produzir aqui mesmo. Ha males que vêm para bem. O Cinema já se introduziu tanto nos habitos de nossa população sendo em a maior parte das cidades do interior a unica diversão existente, que toda e qualquer fita, mesmo aquellas que o longo uso reduziu a frangalhos, encontram acolhida.

Esperar que todos esses estabelecimentos adoptem os apparelhos proprios para films sonoros é rematada tolice.

O preço exaggerado da apparelhagem, as condições leoninas dos contractos de locação não o permittem.

Teremos de produzir films silenciosos para os 2 mil e muitos cinemas do Brasil e esse numero é demonstração evidente de que o productor nacional terá farta compensação para os capitaes applicados nessa industria E films sonoros em portuguez havemos de produzir tambem mas quando não fôr mais necessario ceder aos preços extorsivos que vêm sendo abusivamente cobrados pelos "trust" que monopolisaram os processos da sua projecção. A allegada decadencia do cinema é simples crise, pois, crise que se ha ser resolvida e com beneficio para nós.

Carmen Santos e Paulo Morano, em "Labios sem Beijos".

Afinal de contas, a situação creada pelos "talkies", vae se resolvendo satisfactoriamente para o nosso Cinema. Nem foi preciso qualquer reacção por parte dos nossos productores, que apenas como medida de precaução e de estudo preliminar dos acontecimentos, se reuniram alguns aqui no Rio, para estudar qual a melhor resolução a tomar em face do terror e desanimo que os "talkies" lançaram no meio cinematographico.

Os "talkies"...

Seria a morte do Cinema Brasileiro. Diziam.

Agora só teriam acceitação os films sonoros ou falados.

Ahi estava como prova o successo formidavel das primeiras exhibições. Batidos todos os "records" de bilheteria.

E quanta cousa... Quando ninguem se lembrava de que para se vencer em Cinema era preciso muita cousa mais do que dinheiro, já a nossa filmagem conquistára o seu logar, apresentando films como "Braza Dormida" e "Barro Humano", films estes com tantos conhecimentos technicos, que ultrapassaram a comprehensão que a maioria tem de Cinema, mesmo a dos criticos...

E se não bastasse os dois exemplos do nosso Cinema Silencioso para mostrar a nossa capacidade cinematica e quanto seremos capazes, ainda nos restava o recurso monetario, que nunca foi utilisado com criterio e orientação em beneficio da nossa Industria.

E, se agora mesmo, o successo do nosso Cinema, dependesse somente dos "sons", nada mais facil do que mandar buscal-os. Fossem elles "movi", "vita ou lá o que fossem.

Por que descrer das nossas possibilidades? E' descrer do Cinema Brasileiro. E quem não acreditar no nosso Cinema, não póde ter confiança no futuro do Brasil.

O successo que os nossos films têm alcançado, é a prova de que o nosso publico não tem tido este pessimismo. E se é verdade que nem sempre os productores brasileiros têm correspondido a tal interesse, não é menos certo que, o publico, dá sempre a sua presença, o conforto de sua animação, a sinceridade da sua critica, na esperança de ver satisfeita a confiança que tem nas nossas possibilidades artisticas. E se ultimamente elle já vislumbrou alguma cousa com "Quando Ellas Querem...", "Fogo de Palha", "Thesouro Perdido", elle já não sahiu desilludido com "Braza Dormida", e já se mostrou confiante com "Barro Humano".

Esta é que é a verdade.

Estavamos a caminho da perfeição, quando vieram os "talkies".

Parecia para muitos, que seria o fim dos nossos esforços. Uma ameaça que iria esmagar todas as nossas esperanças. Mas a ameaça se desvaneceu... E de novo resurgiram as nossas possibilidades. Mais fortes ainda. E porque não accrescentarmos tambem, devido ao insuccesso que começa a delinear-se para os "talkies" americanos...

Aquelle exito do principio já passou com a novidade. E os salões de exhibição estão na imminencia de uma crise como nunca houve no Brasil. Apesar do que os films todo falado ainda não vieram afugentar os noventa e nove por cento dos espectadores que ainda teimam em ir ao Cinema para ouvir figuras falar inglez.

No Rio e em S. Paulo, principalmente S. Paulo que já teve o gostinho de ouvir 100% falado, uns dois ou tres films, excluindo-se as "revistas cinematographistas", o publico está visivelmente contra os "talkies".

Chegou o momento do nosso Cinema.

Silencioso ou "tonico", elle ahi está desejado ansiosamente pelo publico.

Chega de falatorios. Queremos é Cinema Brasileiro ou estrangeiro, silencioso e com bôa orchestração.

Films com victrolas alto berrantes e imitações peores do que aquellas que se ouviam outr'ora atraz do panno, já estão enjoando. O publico quer Cinema. Cinema Arte. Não mutações de theatro. Rotativas theatraes... nem peças photographadas.

A voz do Cinema é a musica. O publico quer Cinema com a sua verdadeira voz. Quando muito, que as palavras faladas substituam os letreiros em poucas sequencias, para esclarecimento da acção, mas que esta linguagem tambem seja comprehensivel a todos. Ao menos pelo sentido da propria acção... Cinema puro. Cinema em que a machina tenha angulos descriptivos. A acção não fique entrevada. Nem se sacrifique a belleza pictorica entre quatro paredes...

Maximo Serrano dando as primeiras lições de maquillagem a Paulo Morano.

Cinema sophisma. Detalhe que diz tudo. Symbolismo que conta uma situação.

Suggerir em vez de mostrar.

Arte.

Arte do realismo que faz vibrar. Da suprema delicadeza que transporta ao sonho...

Charles Chaplin é inimigo dos "talkies". Talvez elle tenha razão.

Nós no Brasil apenas queremos Cinema que todos possamos ver, ouvir e entender.

Cinema Brasileiro.

Agora ou nunca.

Os americanos estão desorientados. As suas agencias

Gina Cavallieri, um sorriso na "Religião do Amor".

Brasileiro

DE Pedro Lima

Pedro Fantol e Nita Ney numa scena de "Sangue Mineiro".

aqui tambem, pela falta de films e pela repulsa do publico.

A Fox annunciou que não faria mais films silenciosos. Foi uma das primeiras. Por isso mesmo foi uma das primeiras a annunciar agora que vae fazer versões silenciosas de seus films.

"Single Standard", o mais recente film silencioso de Greta Garbo, estreou em Hollywood conjunctamente com outros films falados e "tonicos", e foi o que alcançou o maior "record" de bilheteria.

Não deixa de ser significativo para nós.

São as nossas possibilidades que crescem e se tornam cada vez maiores.

Mas precisamos não desperdiçar esta opportunidade. Nem desilludir o publico com "tapeações" de films illustrativos de discos de victrólas. Como está acontecendo.

Arranjam-se alguns discos já gravados de canto ou de qualquer outra cousa, chama-se um fulano qualquer, algumas vezes o proprio que serviu para a gravação, e filma-se, fazendo-o repetir ante a objectiva da camera o que o disco vae contando. Isto sem o menor cuidado de ambiente. De montagem. De photogenia...

Chamam a isso, de films curtos synchronisados, e com isso vão explorar a curiosidade dos que ainda não a tiveram satisfeita com a novidade.

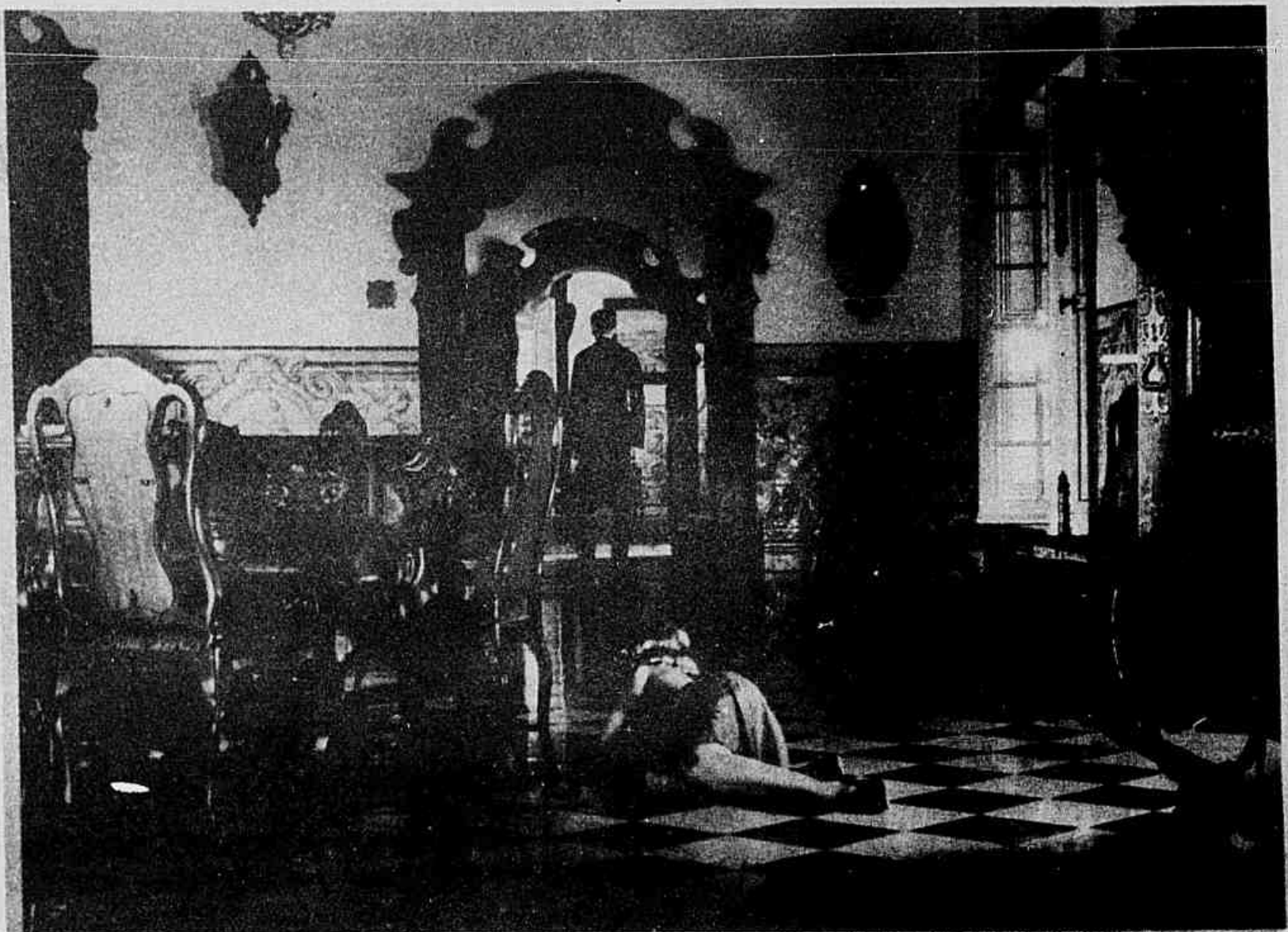
Succede que em cada logar onde estréa um destes apparelhos, não se exhibe segundo. E assim, vae se desmoralisando não tanto o film falado americano, mas principalmente os esforços que poderemos apresentar com exito.

E' a ganancia do dinheiro culminando na falta de criterio...

Devemos evitar isso. O nosso Cinema não deve cahir de novo no descredito e deboche de onde se custou tanto arrancal-o.

Estes films, se é que possa chamal-os assim, se fossem pelo menos mais cuidados, com typos e ambientes criteriosos, ainda dariam para complemento de programma, emquanto perdura a novidade. Seria mesmo melhor do que ouvir estes ridiculos trechos de operas e o "jazz" da famosa orchestra qual, do fulano de tal mais sem graça do mundo.

Bastaria cuidar da sua confecção e não do numero de producções.

Maury Bueno é o galã de "Sangue Mineiro".

O ambiente não nos poderá ser mais propicio, para demonstrarmos as nossas possibilidades, a prova ahi está com o facto unico, na historia do nosso Cinema, de estrearem ao mesmo tempo e com exito, dois films brasileiros, em casas de primeira exhibição.

Referimo-nos a "Acabaram-se os Otarios" e "Veneno Branco".

Films estes que absolutamente não correspondem ao progresso a que chegou o nosso Cinema, mas que mesmo assim permaneceram em cartaz mais de uma semana.

Se os apparelhos nacionaes dão resultados satisfactorios, então porque não aproveital-os em films de arte? No verdadeiro Cinema?

A experiencia do Synchro-Cine veiu provar que se póde fazer alguma cousa neste sentido, digo, fazendo films grandes com silencio e apenas poucas sequencias faladas.

Benedetti tambem já chegou a filmar e gravar ao mesmo tempo, e isso facilitará o Cinema que almejamos.

O C. N. E. tem aproveitado discos já promptos, mas com resultados mais ou menos certos.

No nosso Cinema Silencioso, nós costumavamos caçar com gato, como se costuma dizer, e com optimos resultados. Nos "talkies" poderemos fazer a mesma cousa, ao menos por emquanto.

Continuam a correr para uma solução satisfatoria todas as negociações para a fatal fusão de interesses da Paramount e da Warner Brothers. Diz um jornal de Wall Street que brevemente o mundo verá a maior empresa de diversões da historia com uma capacidade de fazer trinta milhões de dollares liquidos por anno.

Marian Nixon partiu em viagem de lua de mel para a Europa.

A M. G. M., vae produzir films falados na Allemanha. Segundo Louis B. Mayer a Europa anda louca atraz dos "talkers".

Edward Sutherland é o director de Clara Bow e James Hall em "The Saturday Night Kid".

Nita Ney e Luiz Sorôa numa scena amorosa de "Sangue Mineiro".

Henrique,
Iris Thomaz
Cinema Brasileiro
Marques Filho,
o director
Malvina,
RUTH
GENTIL
Julianna,
mãe da
Escrava Isaura,
JACY TORRES
Rosa,
MARIA
LUCIA
Dr.
Geraldo,
CARLOS
DE
AVELLAR
Alvaro,
RONALDO DE
ALENCAR
Leoncio,
CELSO
MONTENEGRO
Brutus, o
capataz é,
ALFREDO
ROUSSY
ELI-
SA
BETTY,
a Escra-
va Isau-
ra...
A Escrava Isaura

Pergunte-me Outra

BERNICE CLAIRE...

Uma delegação do Rotary Club de Marte, que figura no film "No No Nanette".

WILSON FONSECA (Santarem) — Obrigado. Contínue.

UM AMIGO (R. G. do Sul) — Mas o titulo original deve ser mantido até saber-se o nome que receberá no Brasil.

GAROTINHA (São Paulo) — Quer dizer, então, que perdi a amiguinha?

AIMEON (Itapolis) — Foi lido. mas não houve interessados. Em geral, não é assim que se preparam os argumentos para Cinema.

PRINCIPE DE CHARTREZ — Aconselho a não fazer, mas se deseja arriscar... Que direi? Faz tanta questão assim do retrato della? Então envie o dinheiro e é muito mais certo que você chorará por elle.

CARIOQUINHA (S. Paulo) — Não tem importancia. E o mais novato dos "fans" vale mais do que aquelle chronista...

V. DE MERIDOR — Mas, servirão? Olhe que o Cinema Brasileiro está se tornando muito exigente.

GNEBUS (Rio) — Envie a carta para F. N. Studio, Burbank, California, mas não envie dinheiro algum.

B. SANTOS (Tubarão, Santa Catharina) — Mas nós o conhecemos muito bem. O seu retrato foi archivado.

J. BASTOS (Recife) — Dei ao encarregado da "Pagina dos leitores". Apreciei muito, entretanto, as suas opiniões.

OPERADOR

CAVALHEIRO DE VAUDREY (Campinas) — Interessante a sua carta. Continue com os informes. Então, o Colyseu está tão ruim, assim? Já sabia do successo de "Barro".

O. H. (S. Paulo) — Sobre tudo já bordamos os nossos commentarios com a sinceridade que nos caracteriza. Recebi a segunda carta e o recorte. Obrigado.

BEAU GESTE (Recife) — Silencioso, apenas tem tres ou quatro pequenos trechos cantados. Colleen, F. N. Studio, Burbank, California. Lupe e Lily, U. A. Studio, N. Formosa, Hollywood, California.

BRAZILIAN (Ribeirão Preto) — Já temos publicado, algumas. Lelita, Benedetti Film, R. Tavares Bastos, 153, Rio.

WESMINGOS (Sorocaba) — Pois é para você ver, seu Wesmingos, que se póde fazer Cinema muito bem e muito bom. Algumas das criticas citadas, já sahiram ha muito tempo. "Futuras Estréas" vão sahir. E' que não havia um encarregado certo, desta secção.

NORMA ARAUJO (Rio) — R. K. O., Gower Street, Hollywood, California.

H. PATTUZZO (Collatina) — Quando tiver mais folgado, escreverei uma.

I. L. FIGUEREDO (Pelotas) — Não costumamos vender photographias.

CARIOCA — E' enviar photographias suas.

RUTH ROULIEN (Porto Alegre) — Operador, "Cinearte", R. Sachet, 21, Rio. 1° Já voltou e não continuará. 2° Sim, o film está parado. 3° Sim. Odilon foi o galã de "Veneno Branco". 4° Alguns.

J. BASTOS JR. (Ouro Preto) — Mas as vezes, não é que seja feio ou não sirva. E' que o typo não se adapta certo ao pepel. O Cinema Brasileiro está mais precisado é de galãs.

O NOIVO de Clara Bow

"Si ao menos eu pudesse encontrar o "right man"! Alguem que me "dissesse" alguma coisa!"

"Sinto-me infeliz, desalentada. Mesmo dormindo, o meu espirito está sempre trabalhando. Vivi sempre dando de mim. Não tive infancia. A enfermidade de minha mãe. A sua horrivel morte. As exigencias de que fui sempre, constantemente victima. Mas eu poderia ser feliz, creio, si encontrasse o homem nas condições requeridas".

Algumas semanas justamente após haver Clara Bow assim falado, os jornaes noticiaram que ella tinha encontrado o "right man". Risonhas photographias do par apresentaram uma Clara sorridente e cheia de vida, e um joven sympathico de nome Harry Richman.

Richman é conhecido em New York e em outras grandes cidades — proprietario de cabaret, cantor de radio e de discos de phonographo. "Co - respondent" no divorcio de Bill Hoywooth; em certa occasião dado como noivo de Ann Penington e de outra feita, de Lily Damita.

Mas Clara é celebre em todo o mundo: a sua fama chega aonde chegam os films de Cinema. Ella personifica as aspirações insatisfeitas de todas as mulheres, e os seus amores são discutidos em toda parte...

Eis pois Clara com um novo amiguinho. Os outros foram Victor Fleming, Gary Cooper Gilbert Roland, os irmãos Muller, Morley Drury, etc.

Mas Clara tem necessidade de mais de um camarada. Ella precisa, segundo sua propria expressão, de um homem "que me dê alguma coisa". A pobre Clara, infeliz como um tigre enjaulado; infeliz Clara que tem dado tanto da sua pessoa a seu pae, aos seus amigos é a camara a que ella serve.

E' possivel que Clara tenha trabalhado demasiado, e tenha tambem vivido muito. Clara pensa excessivamente, sem duvida, embora na realidade não entenda nada da arte de pensar. Ella se agita por alguma utopia vaga e distante capaz de acalentar-lhe o espirito e repousar-lhe o corpo.

Clara deseja as coisas de uma maneira toda especial, estranha. Algum Enos, talvez. Ludibriada pela vida, escravisada pelo trabalho, escrava do desejo, ella sabe que ha na vida qualquer cousa além do trabalho e da representação, mas ignora o que seja esse mais.

Clara dissipou as suas energias, deu-se demais. Ella não é rica. Os seus salarios nunca foram o que o seu poder de attracção para a bilheteria representa.

Pagam-lhe actualmente dois mil quinhentos dollars por semana, ao passo que outras estrellas, sem a metade da sua popularidade, fazem de cinco a dez mil dollars. Das coisas materiaes ella deseja muito pouco; satisfaz-se em ser ligeiramente feliz, affirma ella.

"Tenho uma vontade eterna de chorar, e seria capaz de pôr-me em lagrimas a qualquer momento. E' tudo tão estupido. Eu não peço muito... Deus sabe! Não gasto nada de extraordinario com as minhas roupas. Não tenho palacetes; apenas uma mo-

desta casa em Beverly Hills e uma choupanazinha em Molihon, onde recebo os meus amigos, gente de quem gosto — extra girls, prop boys, gente que conheci nos tempos de creança.

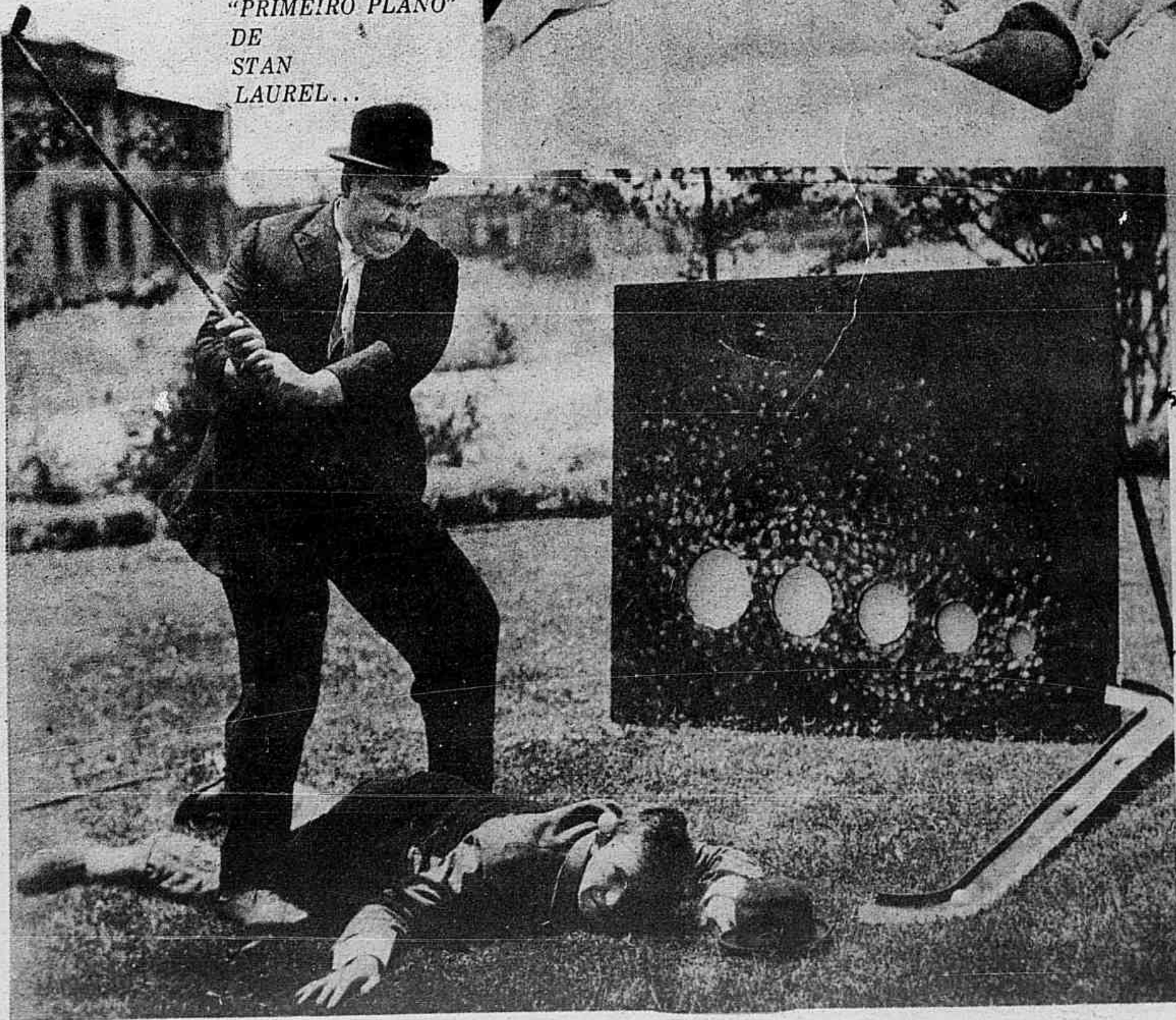
"Todo mundo me censura por causa d'isso. Acham que eu devia guardar mais dignidade. Mas que me offerecem como exemplo? Snobs, detestaveis snobs, que não me ligavam a menor importancia quando eu era uma pobre creanc- a rodar no "lot". Hoje sou Cla a Bow, e como me julgam alguma coisa, convidam-me para suas casas apenas por vaidade, por curiosidade. Sou uma curiosidade em Hollywood. Pareço uma grande extravagante, porque tenho a minha per sonalidade!

"Meu Deus, tenho horror á pose. Quando fui occupar o camarim que havia pertencido a Pola Negri no "lot", fui procurada por um jornalista, que, pensava naturalmente, que pelo facto de estar me servindo do bungalow da Pola, eu adoptaria os seus habitos. O homem tratou-me de "Miss Bow" e que se sentia honrado de render as suas homenagens a uma grande artista, etc. etc. Olhei para elle e disse-lhe apenas: "Ora, deixe-se de fingimentos!" "Porque ninguem jamais se mostra o que é. Não sei porque. Confesso a minha ignorancia, mas sei com a maior das convicções que isso não é direito. "Ouça, tenho trabalhado como um burro de carga toda a minha vida. Mal acabo um film e começo outro; elles são todos eguaes, mas dedico-me a cada um com o mesmo enthusiasmo.

"Nunca passeei, a não ser o anno passado, em que passei seis semanas em New York. Era a primeira vez que ali ia desde que sahi de Brooklyn ainda menina. Ha poucas semanas atraz fui tambem a Agua Caliente. Joguei, ganhei uma porção de dinheiro, diverti-me bastante, até

(Termina no fim do numero).

Good-bye! Good-bye! Good-bye!

QUANTAS "PEÇAS" E QUANTOS FILMS MESMO NÃO CHEGAM A "PRIMEIRO PLANO" DE STAN LAUREL...

STAN LAUREL E SAM HARDY...

Lia Torá
cinearte

Charles Farrell
Fox
cinearte

Bebe Daniels

R.K.O.

Joan Crawford
e Robert
Montgomery

FLORENCF VIDOR

QUEM
“QUIZÉ VÊ”..
QUEM
“QUIZÉ VÊ”...

THELMA TODD

JEAN ARTHUR

BILLIE DOVE

DOROTHY SEBASTIAN

ELLAS, AS VEZES, TAMBEM SE VESTEM...

Mocidade Heroica

JAZZ! Jazz! Jazz!... Ambiente febril, retumbante de risos, vozes, gritos. - "Pepito" não está na festa, mas não deve tardar. E com elle virá Patsy, a garota que é alma e vida dessas reuniões estudantinas, organizadas a miude nos "cafés" dos arrabaldes newyorkinos...

Em casa da familia Tathcher, "Pepito", o filho unico, trata de convencer o pae, que lhe não quer entregar a chave do auto no qual tem o rapaz de levar Patsy á festa. O velho recebera, áquella manhã, uma carta do collegio, dizendo dos desleixos escolares do filho, que não estuda, envolvido nas eternas brincadeiras, e está disposto a não mais lhe fazer as vontades. E com voz ameaçadora, retruca-lhe o pae:

— Ou estudas e te fazes homem de respeito, ou de hoje por deante não contarás mais commigo!

O rapaz vê que nada poderá conseguir com os seus argumentos, e tendo Patsy á sua espera, a quem promettera levar á festa, sáe e, parando defronte da garage do visinho, velho amigo da familia, occorre-lhe uma idéa salvadora: — E si eu levasse o carro do Smith? De manhã o devolveria, sem que elle soubesse de nada. Si ao menos o visinho estivesse em casa!...

Momentos depois, sáe "Pepito" chispando no carro alheio. Ao seu lado, bonita como nunca, vae Patsy, a mais tentadora pequena do collegio.

Ao chegarem á festa, já a casa está atopetada de gente moça: rapazes e ragarigas de todas as idades de 16 a 25. Patsy e "Pepito" são recebidos com "hurrahs" de grande alegria... Apenas Pet Masters, eternamente agastado com a preferencia que a pequena dá ao seu collega, torce o nariz com enfado, aborrecido com a recepção que os outros fazem ao joven par. Perto das onze, por ter de devolver o carro emprestado, resolve "Pepito" deixar a festa, e de passagem levar Patsy á casa. Fóra, no pateo da estalagem, estão os carros de todos os alegres participantes da festa. Pet Masters, sempre enfarruscado, offerece-se para levar Patsy no seu auto. O outro protesta, que não; que Patsy

(WALKING BACK)—*FILM DA PATHÉ*

"Pepito" . . . . RICHARD WALLING
Patsy . . . . SUE CAROL
Sr. Tathcher . . . . . ROBERT EDESON
Sua esposa . . . . JANE MECKLEY
Pet Masters . . . . . ARTHUR RANKLIN
Gyp Schwartz . . . JAMES BRADBURY
"Bello" Thibaut . . . . Ivan Lebedeff.

Direcção de RUPERT JULIAN

veiu comsigo e em sua companhia ha de voltar. Azeda-se a contenda. Estribado no seu carro, Masters lança um desafio:

— Arreda-te dahi, senão já te faço um buraco no costado!

E ao dizel-o, virando o carro de bombordo, frecha contra o de "Pepito", dandolhe uma tremenda trombada.

A rapaziada applaude o feito. — Bravo! Vamos ver quem póde mais! "Pepito" fazer? Como poderá elle devolver ao dono o auto em taes condições? Com Patsy ao seu lado, sáe o joven por ali fóra, arrastando os pára-lamas esbodegados, emquanto o pessoal estronda em brados de alegria!... Com difficuldade, conseguem "Pepito" e Patsy levar o carro a uma garage conhecida, cujo dono, um velho allemão, concerta qualquer carro que possa ter concerto. Mas o velho, vendo o vehiculo, diz logo que não ha remedio.

Estão os dois ainda tratando de convencer o mecanico a dar um *geitinho* no carro, quando entra na garage um grupo de tres individuos. O mais bem parecido delles fala ao velho da garage, perguntando si o seu carro está prompto e si o chauffeur está á espera. O velho responde-lhe, atemorizado, que o rapaz desappareceu, porém que o carro está prompto, sim... E depois, ante a impaciencia do chefe do grupo, que se vê sem chauffeur, aponta o velho para "Pepito", dizendo-lhe da difficuldade em que se acha o rapaz, com um carro de emprestimo todo arrebentado, e que talvez acceite servir-lhe de chauffeur, pois está precisando de dinheiro.

Os tres acercam-se de "Pepito". O sujeito bonitote propõe o negocio: leval-os a um certo logar... guardar segredo do que vir a ouvir e receber a boa paga depois de concluido o serviço. E nisto, apresenta ao rapaz uma nota de quinhentos dollares como metade do pagamento. "Pepito" vae recebel-a, mas o malandro rasga-a em

(*Termina no fim do numero*)

sente o sangue subir-lhe á cabeça. Lembra-se de que o auto não é seu, mas o pessoal está incitando-o á luta: uma corrida de touros em que os "touros" serão autos! Zangado, "Pepito" faz virar o seu carro, e espera o adversario. Bumba! — uma cabeçada na ilharga do automovel de Masters! Os dois contendores se afastam, tomam distancia, como dois carneiros em luta, e záz! — outro encontro de pára-lamas e carburadores!... E outro, e outro, até que o carro de Masters fica vencido, immovel, reduzido a cacarécos!

"Pepito", vencedor da grande prova, tem o seu carro tambem em petição de miseria! E agora, que

ceza de Mil e uma Noites. Ethnicamente, Mymna é uma mistura de gallica, escossêsa e sueca. Tal infusão de sangues difficilmente poderia deixar de crear um typo interessante. Ella tem a reserva dos filhos do paiz de Galles e muito do indole canina do escossês. Quanto á herança sueca — não é da Suecia que nos veio Garbo?

Si moralmente, Myrna é uma contradicção, physicamente as suas feições physionomicas são mais contradictorias ainda. Os seus olhos são os mais extranhos de quantos brilham na téla. Apertados e amendoados, elles parecem ver mais longe e penetrar mais fundo que a generalidade dos olhos. São dois cameleões gemeos, que mudam do pardo para o verde e o azul. E ajunte-se-lhes tambem um pouco de crueldade. Sob os olhos desenha-se um nariz que é apenas um nariz. A sua bocca é um botão de rosa — detestavel expressão para uma boa bocca, perfeitamente boa. Cabellos escuros com fulgores arruivados. Falta ajuntar a isso as sardas que pontuam de leve o seu ros-

Os olhos de Myrna Loy, são os mais exoticos de quantos brilham na téla.

Myrna Loy não é o seu verdadeiro nome. Myrna é authentico, mas o segundo é o bom, o velho e substancial Williams. E ella nasceu em Montana. Um poeta hollywoodense — porque em Hollywood ha poetas — inspirado pelos olhos orientaes da rapariga, chamou-lhe Myrna Loy e Myrna Loy ella ficou.

Montana não é la um fundo de quadro muito convidativo. Um amigo aconselhou-a a não mencionar a sua terra natal! porque esse nome causaria desillusões. Myrna, porém é uma rapariga surprehendemente honesta e talvez. — quem sabe? — o seu berço concorrerá para uma narrativa fóra do habitual.

Montana nada tem de trivial. Em primeiro logar é uma região onde se respira o amplo ar sadio — de ricas montanhas, planaltos uberes. Nos primitivos tempos das riquezas demineração, Butte foi uma das melhores cidades para espectaculos entre Chicago e São Francisco. Foi ali, segundo se affirma, que Al Jolson pintou de preto pela primeira vez a sua cara. Foi a rolha queimada que transformou o mediocre artista d'aquelle tempo na grande vedetta que elle é hoje.

Annos antes d'isso, Fred Stone representava "Topsy" atraves do Estado de Montana num "Cabana de Pae Thomaz" para theatro de barraca. E Montana mandou ao Cinema Kathlyn Williams, Gary Cooper Lane Chandler e Julian Eltinge. E mandou tambem Myrna Loy, authentica filha de Montana, apezar do seu ar de joven fran-

to e lhe dão certa graça; como sabeis as sardas são sempre um bom indicio.

Myrna tem um ar de timidez, mas paradoxalmente, senhor si.

"Na verdade, eu nunca frequentei uma escola, diz Myrna. A minha instrucção foi feita em cursos particulares. Gostava do desenho, e esculptura e da dansa. Comecei a aprender a dansar com os meus primeiros passos, posso dizer.

"Quando vim para Los Angeles com os meus, continuei os meus estudos de dansa. Comecei com os exercicios de bailados, passando em seguida ás dansas hespanholas e orientaes, sob a direcção de uma excellente professora hespanhola.

"Foi quando eu dansava no Grauman's Chinese Theater, em Hollywood, que Natacha Rambova viu algumas photographias minhas. Ella preparava nessa occasião um film, e desejava um numero de girls. Fui escolhida para representar uma "sophisticated" girl, e deram-me um vestido de cauda preto verdadeiramente extraordinario. Depois d'isso offereceram-me um contracto com Warner Brothers. Isso foi ha tres annos e ainda hoje ali me encontro."

Um dos seus primeiros papeis na téla foi no "Don Juan" de John Barrymore. Ella fez o papel de uma das damas de honor de Estelle Taylor, que interpretou "Lucrecia Borgia, a demoiaca intrigante filha de Alexandre VI.

A essa fita succedeu-se uma serie de papeis de mulher sem um só papel de dama principal, até o film "STATE STREET SADIE", no qual Myrna julgou ter-se sahido muito mal.

E' um verdadeiro enigma para ella descibrir a razão por que Warner Brothers a guardaram em con-

(Termina no fim do numero)

Myrna Loy não gosta de revelar os segredos do seu coração...

Isto é um Paraiso

(THIS IS HEAVEN)

FILM DA UNITED ARTISTS

Eva Petrie . . . . VILMA BANKY
James Stackpoole . . . . JAMES HALL
Mamie Chase . . . . FRITZIE RIDGEWAY
Frank Chase . . . . LUCIEN LITTLEFIELD
E. D. Wallace . . . . RICHARD TUKER.

Direcção de ALFRED SANTELL

Com os olhos a arder de surpresa e de contentamento, e na bocca um sorriso de felicidade, Eva Petrie, uma joven immigrante hungara que acaba de aportar aos Estados Unidos, assiste á rotina de inspecção de Ellis Island, depois do que se vem encontrar frente a frente com Tio Frank Chase e Mamie, sua filha. O seu traje campezino contrasta singularmente com a toilette domingueira de Mamie, o que a torna objecto de attenções geraes no trajecto até ao aposento que os Chase occupam no Bronx, em New York. E' apenas um aposento como tantos, esse em que fez o seu lar Frank, modesto motorista do "subway" da metropole, mas para Eva é como se fosse um paraiso...

Mamie é "garçonnette" no restaurante Fields e ali consegue um logar para a prima. Entre as duas raparigas nasce uma grande amizáde, a despeito das idéas diversas que ambos alimentam em materia de affectividade; para Mamie só merecem attenção os homens de fortuna, para Eva, ao contrario, o que vale é o amor e em confronto delle todo o resto nada vale.

Certa manhã, no "subway", a attenção das duas moças fixa-se num sympathico rapaz que occupa um logar defronte dellas.

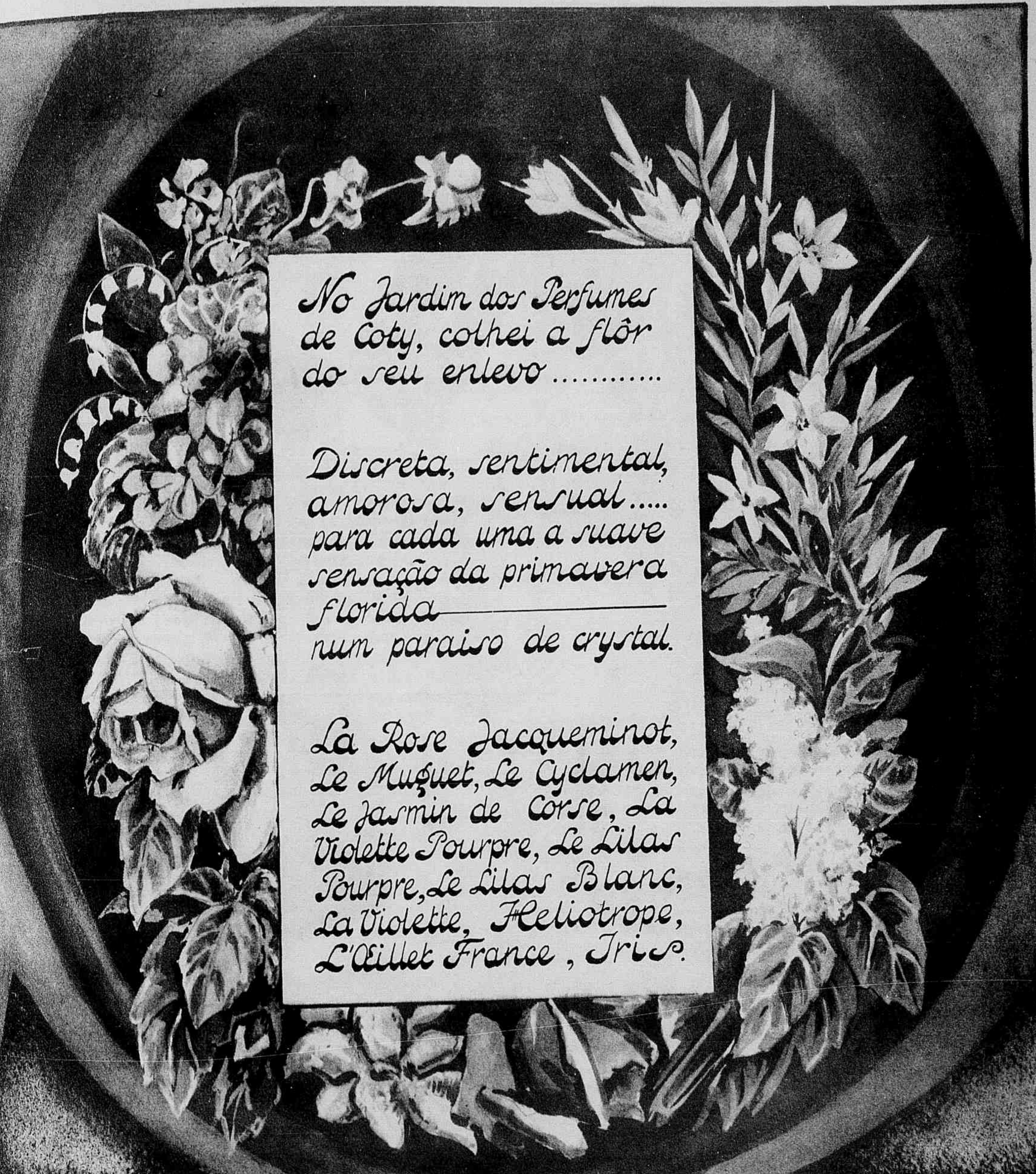
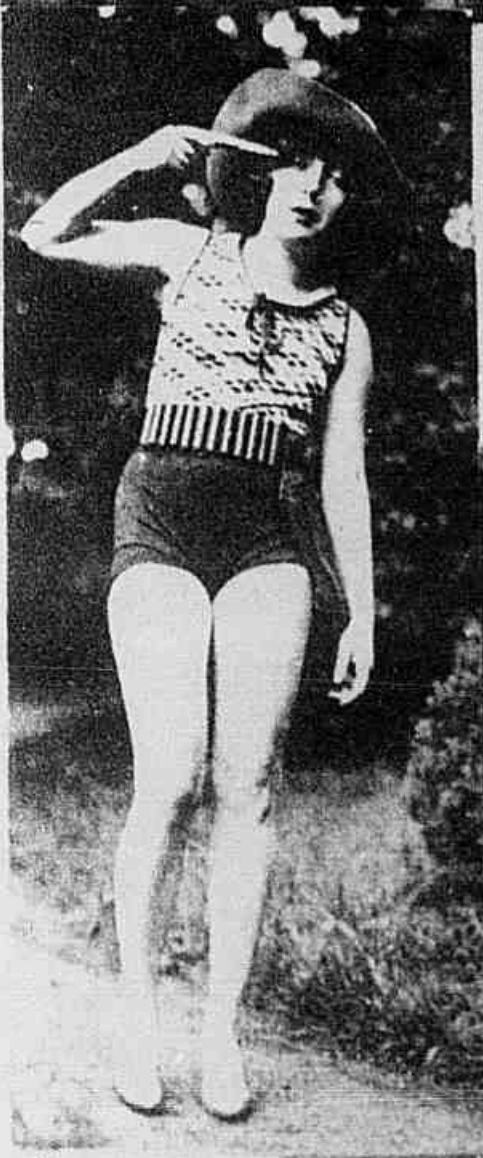
O bonnet que elle usa fal-o parecer um simples chauffeur, mas a realidade é que elle é Jimmy Stackpoole, filho de um legitimo millionario, cujo auto acaba de soffrer um accidente.

Na atrapalhação do momento elle perdeu o chapéo e tomou por emprestimo o bonet do seu chauffeur para poder proseguir ao seu destino. Jimmy sente-se attrahido pela belleza da joven hungara e acredita que ella seja uma princeza russa.

Fazem-se amigos depressa e Jimmy conta-lhe as suas aventuras no polo, o seu sport favorito.

Eva, que nada quer ficar a lhe dever, faz-lhe uma longa narrativa dos seus successos mundanos. Não demora muito que Jimmy comprehenda o embuste de Eva e a sua convicção de ser elle um chauffeur. Mas nada lhe diz e presta-se á comedia.

Nas semanas seguintes, nunca mais se separaram, passando Jimmy a frequentar a casa dos Chase. E uma noite os dois deixam-se vencer pela suggestão de uma canção de amor hungara, executada num café exotico onde se encontram. Approximam-se os labios e Jimmy murmura: "Eva, casemo-nos!" Sobem as lagrimas aos olhos de Eva que, ingenuamente, responde: "Mas, Jimmy, precisamos antes disso fazer algumas economias...

Jimmy delicia-se com o duplo papel que lhe cabe representar. Compra um "taxi-cab" e passa a ser chauffeur de praça. E emquanto elle anda na rua,

(*Termina no fim do numero*)

OS FILMS ALLEMÃES TAMBEM TÊM PEQUENAS COMO A DITA...

CO

No Jardim dos Perfumes
de Coty, colhei a flôr
do seu enlevo ....
Discreta, sentimental,
amorosa, sensual.....
para cada uma a suave
sensação da primavera
florida
num paraiso de crystal.
La Rose Jacqueminot,
Le Muguet, Le Cyclamen,
Le Jasmin de Corse, La
Violette Pourpre, Le Lilas
Pourpre, Le Lilas Blanc,
La Violette, Heliotrope,
L'Oeillet France, Iris.
T Y

De L. S. Marinho (Representante de "CINEARTE" em Hollywood)

INHA entrevista com George Bancroft, cahiu do ceu, por descuido.

Nelle é que eu não pensava absolutamente quando estava um dia desses em casa a alliviar os meus ouvidos, a ouvir Cinema falado brasileiro, sem tela... isto é, uns discos de victrola, aqui deixados pelo Gonzaga. A minha governante é doida pelo "Bem te vi". A Lily Damita gosta muito da "Casa de Caboclo". O José Crespo prefere "Sou da Fuzarca". A Lia ainda gosta do "Jura". O "Catereré paulista" foi presenteado ao Carlito.

Ouvia alguns desses discos e pensava no Brasil distante, Bahia minha terra, S. Paulo minha namorada e o Rio minha paixão.

Foi nesta occasião que um detalhe sonoro... a campainha do telephone... veiu interromper meu suave devaneio...

"Dr. Marino" dizia-me uma voz cavernosa de film falado, do outro lado da linha. "Quer falar com Mr. Bancroft?"

— Quem? Indaguei intrigado. — "George Bancroft" continuou a voz.

— Certamente! respondi meio engasgado.

— "Então venha ao studio ao meio dia."

E' a mania dessa gente. Marcar entrevistas logo na hora do meu almoço! E neste dia eu estava esperando que se apromptasse uma pequena feijoada. Ora, feijoada e George Bancroft já foram as causas de um sonho do Octavio Mendes... mas tive que transferir a primeira e ir ao encontro do segundo. E' a tal cousa! Depois ainda dizem que este Marinho só anda com as "Bows" de Hollywood e não deixa as farras.

E tive que andar depressa. Bancroft é o homem da gargalhada mas não é para brincadeiras...

Excusado dizer que cheguei ao studio a hora marcada. Com certo pessoal de Cinema não se brinca. As vezes, elles não esperam nem quando se chega antes da hora...

Conhecel-o, aliás, não era novidade para mim, pois a Olive Borden apresentou-me uma vez, na praia. Desas apresentações assim rapidas por formalidade, nada mais.

Encontrei Bancroft já no studio, a tirar photographias com um cachorro.

Logo depois de me ter sido outra vez apresentado, Bancroft poz-me logo a vontade dizendo emquanto se espreguiçava e levantava o peito:

— Vae falando logo, antes que me faça perguntas...

Jack Oakie, neste momento elogiou a sua musculatura, Bancroft sorriu:

— Já fui mais forte. Entretanto, quando entrei para a marinha, era bem franzino.

— Está ahi, Bancroft, fale-me pois do seu tempo na marinha.

— Engraçado, todos se interessam, pela minha vida de marinheiro! Não gosto de me lembrar daquelles dias. Havia mais rigor do que hoje...

Eu disse que lhe dava toda a razão, mais que o assumpto interessaria muito aos leitores de "Cinearte".

Na fragata "Constellation" irmã da celebre "Constitution" fôra onde elle dera começo a sua

carreira de marinheiro. Naquelle tempo que os navios eram de madeira e os homens de ferro...

— "Meu periodo de treino no "Constellation" terminou quando fui transferido para o Essex, onde fiquei quasi um anno, cruzando os mares da America do Sul e India. Considero estas viagens de repouso, porque logo depois veiu a guerra Hispano-Americana, estando eu em outro navio, o Baltimore, vi muita gente morrer a meus pés, na batalha da Bahia de Manilha. Este grande acontecimento da minha vida, e os horrores provenientes das lutas, ainda os tenho gravados em minha memoria. Medo? Não creio que tivesse tido. Penso que a curiosidade supplantou tudo, e o

interesse que me despertava aquelle movimnto, devia ter afugentado o medo e foi assim, nas batalhas, dias de horror e sangue, privações, o diabo, que tomei gosto pela arte de representar. A bordo do Baltimore formamos uma companhia, e encorajado pela officialidade, fui progredindo aos poucos. Em cada navio, para onde ia transferido, organisava novamente a companhia theatral e as vezes iamos representar em outros navios, quando estavamos em qualquer porto estrangeiro. E assim no "Brooklyn", "Oregon" e "Kentuck" Quando o "Oregon" foi a pique, eu já estava fazendo parte de outro navio, porém, estavamos ancorados no mesmo porto. Eu nadava muito

L. S. MARINHO E GEORGE BANCROFT

bem, e era bom mergulhador. Assim, por minha conta e risco, mergulhei para constatar a extensão dos prejuizos causados. Por este feito tive recommendação para entrar para a Academia de Annapolis.

Que custo para chegarmos aqui!... E' difficil conversar com Bancroft! Não porque elle seja reservado, ou dado a poucas palavras. Fala até demais! Mas é tanta gente a falar com elle, que um mortal mais bem intencionado, não pode manter o fio da conversa, ou manter a conversa no fio...

Demais, nós estavamos no jardim do studio da Paramount, onde é passagem para todo mundo...

Depois, Bancroft é muito distrahido. Pelo menos neste dia, devia estar pensando em qualquer cousa bem differente. Digamos pelo menos — o cheque...

Vencendo estes obstaculos todos, consegui reatar a historia, que por pouco ia sendo perdida E ahi temos...

"Durante meu tempo de academico, e as restricções ali impostas, o meu interesse pelo palco augmentou consideravelmente. Quando abandonei a Academia, trazia a convicção de que era actor, e fui tentar a sorte em Broadway, onde consegui vencer um pouco, depois de não pequena luta, e alguns dias de sacrificio. Neste meio tempo, eu observava o desenvolvimento do Cinema. E num dia de maior enthusiasmo, mudei-me, deixando o palco pela téla, onde vim a tomar parte no meu primeiro film, chamado "Driven". E ahi o tem. O resto é sabido Mr. Marino".

George não sabe até então, qual o seu melhor angulo para photographia.

Nunca prestei attenção, porque todos os angulos são feios. Eu sou feio de qualquer lado."

Mas afinal, quando estavamos para ser photographados, elle disse: "Espere um pouco". E passou para minha esquerda. Parecia demonstrar que este lado era o seu angulo preferido...

Emquanto o photogra-

(Termina no fim do numero).

E do meu cigarro perfumado, o fumo azul se escapa, e se contorce, e desapparece pouco a pouco...

Quantas vidas não terão a mesma duração desta fumaça esguia como uma silhueta?

Quantas vidas...

Primeiro a mocidade ingenua e bella de Wallace Reid; e depois, a seducção fatal de Barbara La Marr, a estranha fascinação morena de Valentino, o encanto ethereo de Lucille Ricksen, a belleza esquisita de Einar Hansen, a formosura angelica de Martha Mansfield, a malicia elegante de Arnold Kent, a velhice aristocratica de Kate Lester, a juventude promettedora de Fred Thompson... e outros... e outros...

A morte de Wallace Reid, foi o fim de um sonho... Porque ao encanto de uma vida simples e bôa, elle preferiu a tentação venenosa do vicio...

Porque morreu Wallace?

Porque ao encanto de uma vida simples e boa, elle preferiu a tentação venenosa do vicio; e porque uma realidade monotona o enfastiava e um sonho incrivel o seduzia...

E a sua vida foi sempre um sonho de cocaina; e a sua morte foi o fim do sonho...

E Barbara?

Ella era bella. Havia nos seus olhos negros, todo o mysterio e toda a belleza das noites no deserto; e seus labios vermelhos lembravam paixões ardentes e vinganças tremendas... Mas um dia, começaram a surgir os primeiros estragos no seu corpo abietino de anfora grega. E o combate desesperado teve inicio.

Na luta a sua formosura triumphou; mas a sua saude soffreu um abalo profundo.

E Barbara morreu, victima da belleza...

Na morte de Valentino, paira a sombra negra do mysterio...

Ao mundo que pedia uma justificação, deu-se a desculpa banal de uma doença. Ninguem acreditou. Mas a causa verdadeira, foi e será sempre ignorada.

E assim repousa eternamente o principe encantador de todas as mulheres, sem nos deixar, ao menos, a esperança linda de que alguem o vá despertar...

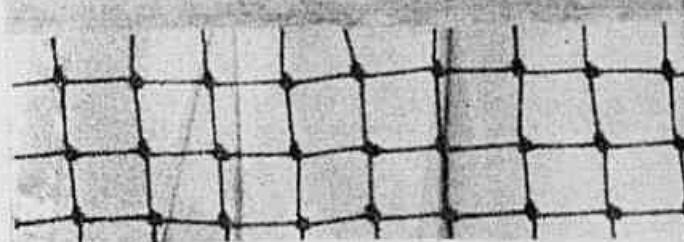
Ella era ainda uma menina... Uma menina muito franzina e muito pallida... Seus olhos puros contavam que havia um logar bonito, cheio de flores e de anjos, e de perfume e luz — um logar onde não ha mais soffrimentos, mas amor, muito amor...

E porque ella era linda e boa, e muito soffreu, foi habitar aquelle logar bonito...

(Bemaventurados os que soffrem, porque delles é o reino dos céos).

(*Termina no fim do numero*)

A morte de Valentino paira á sombra negra do mysterio...

Ella era bella. Havia nos seus olhos negros, todo o mysterio e toda a belleza das noites no deserto. E seus labios vermelhos lembravam paixões ardentes.. Ella era Barbara La Marr.

MARY NOLAN

Nasceu nos Estados Unidos, começou a figurar nos films allemães. E os americanos foram buscar . o que era seu...

Marjorie Merwin, a estrella do Theatro Babylonia, passa certa noite por uma rua de Nova York, quando se lhe depara, á frente de uma casa, grossa altercação entre uma velha, um policia e um rapaz, este sobraçando grande numero de instrumentos musicaes.

Symphonia do

("CLOSE HARMONY")

Al West	Charles Rogers	Sra. Prosser	Ricca Allen
Marjorie	Nancy Carrol	O porteiro	Wade Boteler
Max Mindel	Harry Green	Sibila, a creada	Baby Mack
Ben Barney	Jack Oakie	George	Oscar Smith
Johnny Bay	Richard Gallagher	Eva Larue	Greta Granstedt
Bert	Matty Roubert	Gustave	Gus Partos

FILM DA PARAMOUNT

Commovida pelo atrapalhamento do rapaz, a joven procura inteirar-se do occorrido. Em poucas palavras, explica-lhe a mulher da casa: O rapaz, mestre de uma banda de "jazz", por fazer grande barulho, á noite, com seus infernaes ensaios, tinha sido posto para fóra. Sem pagar o atrazado, vae sahindo. A velha lhe intercepta o passo. Chama um policia. Faz queixa. O rapaz, sem negar a divida, promette pagar tudo, quando consiga reduzir sua musica a dinheiro. Para isso, é preciso ensaiar. Não o permittindo a velha em sua casa, vae elle de mundança, com todo o instrumental comprado a prestações, para os baixos de um armazem, onde costuma ensaiar com outros rapazes. Mas a dona da casa não permitte que elle se vá, sem lhe pagar todo o atrazado. Era a tragica historia das difficuldades de um pobre artista.

Jazz

Marjorie, condoida, abre a sua bolsinha de mão, della tirando os dollars necessarios. Recebido o dinheiro, deixa-os em paz a velha.

— Dê-me o seu endereço, senhorita; eu prometto pagar o que lhe devo, quando ganhar dinheiro com a minha banda, diz á actriz o joven Al West, olhando commovidamente a sua linda bemfeitora. Sem lhe responder nada, abre-lhe Marjorie a porta do automovel: — Diga-me para onde se dirigia, e eu o levarei até lá.

Meu nome é Marjorie Merwin...

— Actriz, Marjorie Merwin, do Theatro Babylonia? diz' o joven assombrado ao reconhecer na sua boa amiguinha a grande artista do theatro de variedade que toda Nova York admira. — Sim, sou eu mesma, a Marjorie do Babylonia... diz-lhe a joven a sorrir.

* *

Momentos depois, está o rapaz nos baixos do armazem indicado e chega Marjorie ao seu theatro. Por sympathia ou curiosidade, o semblante do musico lhe está fixo na mente. Parece-lhe um sonho! "Deve haver algum logar para aquelle rapaz nos theatros de Nova York", pensa comsigo mesma, marchando para o seu camarim.

Max Mindel, empresario do theatro é grande admirador de Marjorie. Ao entrar a pequena, vem logo vêl-a. Sem perder tempo, fala-lhe a moça do que o seu coração está cheio: fala-lhe de Al West, esse rapaz prodigioso, mestre de um "jazz-band" phenomenal, ainda desconhecido, porém capaz de electrizar as platéas, assim que alguem o apresente ao publico. Para ser agradavel á linda pequena, promette-lhe Max ir, no dia seguinte, ouvir o tal prodigio nos baixos do armazem.

— E agora, que me dizes,

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

OS METHODOS PROFISSIONAES NA CAPITAL DA FILMLANDIA

POUCAS industrias têm feito tantos progressos ultimamente, e, em especial nos tres ultimos annos, como o Cinema. Muitos affirmaram a existencia de uma crise dentro dessa industria resolvida maravilhosamente pelo advento do film falado; mas isso não é uma razão. Todas as industrias têm tido as suas crises, e poucas têm sido resolvidas tão facilmente como essa do Cinema, si é que essa crise existiu.

Dentro do Cinema, um desenvolvimento se tem produzido, para melhor, de um modo fantastico. E' um progresso depois de outro, com uma velocidade, uma rapidez de espantar. E, francamente quando nos amoldamos aos "ultimos methodos" de Hollywood, nessa capital da Filmlandia já começa a apparecer uma nova technica, um novo methodo, um novo processo.

Em Hollywood tudo se aperfeiçôa, tudo se melhora... salvo os "plots", os enredos, as historias, porque esses continuam sendo os mesmos...

Ora, vejamos. Os melhoramentos no campo da photographia propriamente dita são um facto. Os melhoramentos na mechanica ou na optica das camaras são outro facto. Os melhoramentos na parte que se refere ao laboratorio são ainda outro facto. E fóra os melhoramentos na illuminação, na electricidade, propriamente dita e d'ahi por diante.

O visitante que volte a um dos principaes studios, após um anno de ausencia, ha de notar que uma mudança completa se realizou dentro desse studio, no espaço de 365 dias. A tomada das scenas, que antes era um trabalho moroso, capaz de dar somno a qualquer assistente, já hoje é feito ás pressas, o mais rapidamente possivel, n'uma ansia de economizar antes "tempo", do que "dinheiro". Os directores trabalham mais depressa, os electricistas não perdem um minuto, e os largos intervallos de verdadeira inercia, entre uma scena e outra, são uma coisa desconhecida nesses vertiginosos studios de hoje em dia.

E' indiscutivel que os "talkies", sendo a causa primordial de todas essas modificações, são tambem a grande novidade do anno. Todo o mundo fala e discute a respeito dos "talkies".

Nos Cinemas onde se exhibem films falados, a platéa fala mais do que a téla quando nos Cinemas onde só se exhibem film silenciosos a unica entidade que faz barulho é a orchestra. Em Hollywood, de um modo ou de outro, assim ou assado, cre-se no futuro do Cinema falado. Mas como os studios sonóros são hoje uma coisa "tabú" para a maioria dos espectadores, e mesmo poucos visitantes têm conseguido penetrar n'alguns delles, o que se sabe delles não tem sido espalhado sinão atravez de reportagens difficilmente conseguidas. Tudo é feito entre portas hermeticamente fechadas e em grande segredo. Quando se entra em um dos palcos de um studio, na capital da Filmlandia, a primeira coisa que nos fere a vista é a mudança completa operada no material electrico. A adopção das luzes incandescentes, ao invez das lampadas de arco, mudou radicalmente todos os methodos photographicos usados até então. Simultaneamente, o film panchromatico passou a ser o unico favorecido. O film panchromatico ha varios annos que tinha sido introduzido no mercado; mas, devido ao elevadissimo custo, nunca tinha sido usado, a não ser esporadicamente. Um abaixamento no preço, por parte dos fabricantes, fez com que o film cahisse nas graças dos productores, da noite para o dia. E o resultado é facil de se imaginar: o equivalente das côres poude ser melhor gravado na pellicula. Por outro lado, a maquillagem foi affectada de um modo mais interessante; e não só a maquillagem, como a pintura das montagens, a côr empregada no vestiario, etc. Porque, sob as novas condicções do film panchromatico, aquellas côres extremamete fortes já não podem ser empregadas. As côres usadas nas pinturas têm que ser mais naturaes, as côres empregadas nos vestidos têm que ser menos carregadas, e a propria maquillagem tem que se restringir quasi que só ao pó de arroz.

E' difficil comprehender como a mera troca do processo de illuminação veiu mudar uma tão vasta série de methodos e processos estabelecidos tão solidamente. E' preciso tomar em conta, para uma comprehensão nitida desse estranho facto, que a luz é a base da photographia. E d'ahi...

Supponhamos que no palco, á nossa frente, se filma um "primeiro-plano". Tudo agora é differente, e os actores não se assemelham mais áquelles fantasmas silenciosos de outros tempos. A maquillagem é mais natural, approximando-se um pouco da maquillagem theatral. O "rouge", no emtanto, ainda continua sendo usado, porque o "rouge" photographa como escuro, justamente como antes. O amarello dos "cold creams", com que se cobria a face toda, antes de iniciar a maquillagem, aquelle amarello typico do Cinema foi completamente banido, porque hoje se pinta a face com tintas côr de carne, naturaes. Os olhos tambem têm hoje um aspecto mais natural, embora se exaggerem muito o tamanho e a largura desses mesmos olhos, conjunctamente com as sobrancelhas. As lampadas incandescentes fazem menos mal á vista do que as antigas lampadas de arco, as quaes eram muito ricas em raios ultra-violeta. Não tremulam, como as lampadas de arco, nem produzem aquelle som abafado, o qual difficultava a filmagem de scenas faladas.

Em alguns studios, as camaras profissionaes que encontram por lá são todas movidas a motor. Os cinematographistas de hoje já não são mais uns simples "viradores de manivella". Alguns persistem em utilizar a camara á manivella, mas todos estão de accordo em que a camara a motor será a camara do futuro.

E' indubitavel que moto-camara dos amadores influiu muito para a adopção do motor de corda nas camaras profissionaes. As mãos do operador moderno, libertadas da manivella de hontem, estão hoje livres para manejarem os innumeraveis botões, fechos, e alavancas das grandes camaras profissionaes.

Os "carros" para as camaras são hoje muito communmente empregados, e uma variedade infinita de supportes para a camara tomou o logar de antiquado tripé. Esses supportes são desenhados principalmente com o fito de sustentar a camara actual, que é muito mais pesada que a antiga, e, ao mesmo tempo, de permittir um movimento mais amplo, conforme o sentido em que se terá que mover o assumpto a ser photographado. Os operadores não se contentam mais com méros tripés mon-

(Termina no fim do numero).

O mais moderno e curioso dos tripés...

Num studio, com os modernos apparelhamentos...

Lia Torá

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

OS METHODOS PROFISSIONAES NA CAPITAL DA FILMLANDIA

POUCAS industrias têm feito tantos progressos ultimamente, e, em especial nos tres ultimos annos, como o Cinema. Muitos affirmaram a existencia de uma crise dentro dessa industria resolvida maravilhosamente pelo advento do film falado; mas isso não é uma razão. Todas as industrias têm tido as suas crises, e poucas têm sido resolvidas tão facilmente como essa do Cinema, si é que essa crise existiu.

Dentro do Cinema, um desenvolvimento se tem produzido, para melhor, de um modo fantastico. E' um progresso depois de outro, com uma velocidade, uma rapidez de espantar. E, francamente quando nos amoldamos aos "ultimos methodos" de Hollywood, nessa capital da Filmlandia já começa a apparecer uma nova technica, um novo methodo, um novo processo.

Em Hollywood tudo se aperfeiçôa, tudo se melhora... salvo os "plots", os enredos, as historias, porque esses continuam sendo os mesmos...

Ora, vejamos. Os melhoramentos no campo da photographia propriamente dita são um facto. Os melhoramentos na mechanica ou na optica das camaras são outro facto. Os melhoramentos na parte que se refere ao laboratorio são ainda outro facto. E fóra os melhoramentos na illuminação, na electricidade, propriamente dita e d'ahi por diante.

O visitante que volte a um dos principaes studios, após um anno de ausencia, ha de notar que uma mudança completa se realizou dentro desse studio, no espaço de 365 dias. A tomada das scenas, que antes era um trabalho moroso, capaz de dar somno a qualquer assistente, já hoje é feito ás pressas, o mais rapidamente possivel, n'uma ansia de economizar antes "tempo", do que "dinheiro". Os directores trabalham mais depressa, os electricistas não perdem um minuto, e os largos intervallos de verdadeira inercia, entre uma scena e outra, são uma coisa desconhecida nesses vertiginosos studios de hoje em dia.

E' indiscutivel que os "talkies", sendo a causa primordial de todas essas modificações, são tambem a grande novidade do anno. Todo o mundo fala e discute a respeito dos "talkies".

Nos Cinemas onde se exhibem films falados, a platéa fala mais do que a téla quando nos Cinemas onde só se exhibem film silenciosos a unica entidade que faz barulho é a orchestra. Em Hollywood, de um modo ou de outro, assim ou assado, cre-se no futuro do Cinema falado. Mas como os studios sonóros são hoje uma coisa "tabú" para a maioria dos espectadores, e mesmo poucos visitantes têm conseguido penetrar n'alguns delles, o que se sabe delles não tem sido espalhado sinão atravez de reportagens difficilmente conseguidas. Tudo é feito entre portas hermeticamente fechadas e em grande segredo. Quando se entra em um dos palcos de um studio, na capital da Filmlandia, a primeira coisa que nos fere a vista é a mudança completa operada no material electrico. A adopção das luzes incandescentes, ao invez das lampadas de arco, mudou radicalmente todos os methodos photographicos usados até então. Simultaneamente, o film panchromatico passou a ser o unico favorecido. O film panchromatico ha varios annos que tinha sido introduzido no mercado; mas, devido ao elevadissimo custo, nunca tinha sido usado, a não ser esporadicamente. Um abaixamento no preço, por parte dos fabricantes, fez com que o film cahisse nas graças dos productores, da noite para o dia. E o resultado é facil de se imaginar: o equivalente das côres poude ser melhor gravado na pellicula. Por outro lado, a maquillagem foi affectada de um modo mais interessante; e não só a maquillagem, como a pintura das montagens, a côr empregada no vestiario, etc. Porque, sob as novas condicções do film panchromatico, aquellas côres extremamete fortes já não podem ser empregadas. As côres usadas nas pinturas têm que ser mais naturaes, as côres empregadas nos vestidos têm que ser menos carregadas, e a propria maquillagem tem que se restringir quasi que só ao pó de arroz.

E' difficil comprehender como a mera troca do processo de illuminação veiu mudar uma tão vasta série de methodos e processos estabelecidos tão solidamente. E' preciso tomar em conta, para uma comprehensão nitida desse estranho facto, que a luz é a base da photographia. E d'ahi...

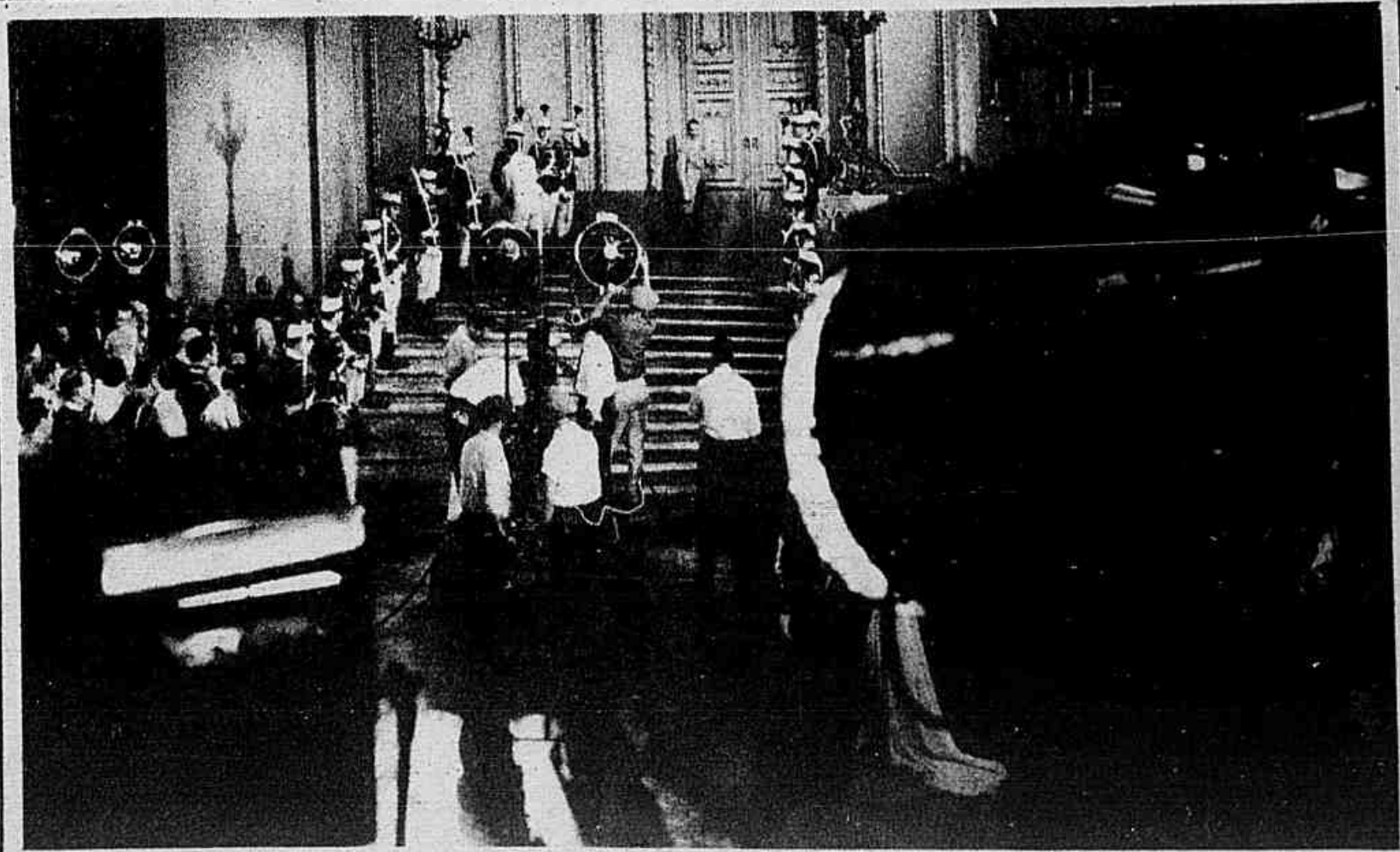
Supponhamos que no palco, á nossa frente, se filma um "primeiro-plano". Tudo agora é differente, e os actores não se assemelham mais áquelles fantasmas silenciosos de outros tempos. A maquillagem é mais natural, approximando-se um pouco da maquillagem theatral. O "rouge", no emtanto, ainda continua sendo usado, porque o "rouge" photographa como escuro, justamente como antes. O amarello dos "cold creams", com que se cobria a face toda, antes de iniciar a maquillagem, aquelle amarello typico do Cinema foi completamente banido, porque hoje se pinta a face com tintas côr de carne, naturaes. Os olhos tambem têm hoje um aspecto mais natural, embora se exaggerem muito o tamanho e a largura desses mesmos olhos, conjunctamente com as sobrancelhas. As lampadas incandescentes fazem menos mal á vista do que as antigas lampadas de arco, as quaes eram muito ricas em raios ultra-violeta. Não tremulam, como as lampadas de arco, nem produzem aquelle som abafado, o qual difficultava a filmagem de scenas faladas.

Em alguns studios, as camaras profissionaes que encontram por lá são todas movidas a motor. Os cinematographistas de hoje já não são mais uns simples "viradores de manivella". Alguns persistem em utilizar a camara á manivella, mas todos estão de accordo em que a camara a motor será a camara do futuro.

E' indubitavel que moto-camara dos amadores influiu muito para a adopção do motor de corda nas camaras profissionaes. As mãos do operador moderno, libertadas da manivella de hontem, estão hoje livres para manejarem os innumeraveis botões, fechos, e alavancas das grandes camaras profissionaes.

Os "carros" para as camaras são hoje muito commummente empregados, e uma variedade infinita de supportes para a camara tomou o logar de antiquado tripé. Esses supportes são desenhados principalmente com o fito de sustentar a camara actual, que é muito mais pesada que a antiga, e, ao mesmo tempo, de permittir um movimento mais amplo, conforme o sentido em que se terá que mover o assumpto a ser photographado. Os operadores não se contentam mais com méros tripés mon- (Termina no fim do numero).

O mais moderno e curioso dos tripés...

Num studio, com os modernos apparelhamentos...

Joan Crawford
e Robert
Montgomery

Album da Familia

Chester Conklyn e senhora. Ao alto, Irene Rich e suas filhas

A familia de H. B. Warner, reunida

Bessie Love e sua mamãe

CAPITOLIO

SÓ POR AMOR — (Prisonners) — First National — Producção de 1929.

Um bom film de programma. Despretencioso, leve, com uma bem cuidada direcção de William Seiter, com as suas sequencias bem ligadas o film corre sem arranhões até a sua situação culminante, que tem logar dentro de uma sala de tribunal. Mas não se assustem, que essa sequencia não é banal e insipida como podia ser. Seiter t r a t o u - a de tal modo que tem aspecto de quasi novidade. A atmosphera hungara é bonita, agradavel, photogenica. Só mesmo os hungaros poderão reclamar. O que mais prejudica o film é a parte falada. Feito de proposito para Cinemas não dotados de machinas berradoras seria um film notavel. Corinne Griffith tem cada "close-up"! Ella é coadjuvada por Ian Keith, Otto Matiesen, Bela Lugosi, Julanne Johnston, Charles Clary e Ann Schaeffer.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

Foram "reprisadas" "Fox Follies" e "Garotas Modernas", edição synchronizada.

IMPERIO

OS INNOCENTES DE PARIS — (Innocents of Paris) — Paramount — Producção de 1929.

Eis aqui um film destinado a fazer um successo louco, mas sem a mais insignificante particula de valor cinematico. A sua historia é tôla, fragilinia. Sem logica as suas lacunas surgem a qualquer um. As personagens são méros bonecos que se movimentam de um lado para outro e falam sem a menor naturalidade. Os acontecimentos são narrados aos pulos. Os incidentes não são justificados. Emfim, tudo serviu apenas para metterem dialogação e uma meia duzia de canções cantadas por Maurice Chevalier, o idolo de Paris. Aliás, os trechos cantados, com excepção de um, nunca foram tão bem encaixados num film. Como se explica o successo do film? Por uma unica razão — a presença de Maurice Chevalier. Elle é um novato em materia de Cinema, mas a sua personalidade é tão vibrante e encantadora, elle canta com tanta graça e naturalidade, tem uma voz tão sympathica, tão cheia de tonalidades agradaveis e representa com tal desembaraço que a gente se esquece do resto do film para só o ver a elle, Maurice Chevalier. Elle só vale todo o film. Maurice Chevalier, as suas canções e uns quadros de revista parisiense constituem todo o successo de "Os Innocentes de Paris". O mais resume-se em poucos e fracos episodios comicos, dois ou tres dramaticos do mesmo quilate, uma bôa confecção material e a belleza de Margaret Livingston. Sylvia Beecher é a heroina. George Fawcett e senhora, Russell Simpson, John Miljan, David Durand e Jack Luden encarregam-se dos outros papeis.

Richard Wallace prova com este film que todo o valor de "O Anjo Peccador" está no scenario. Vejam-no. Maurice Chevalier vale todos os sacrificios.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

Foi exhibida a edição sonora de "Anjo Peccador".

GLORIA

GIOVANNA — (Love and the Devil) — First National — Producção de 1928.

Alexander Korda prova com este film mais uma vez que como director é um esplendido gastador de dinheiro. Como todos os seus films anteriores este distingue-se pelo extraordinario luxo dos interiores e pela amplidão das montagens. E' verdade que desta vez a historia tem uma construcção admiravel. Mas a sua pessima direcção quasi a põe a perder. O thema é velho. E além disso envolve gente, habitos e ambientes antipathicos. E' o typo do grande drama europeu e principalmente italiano. O final inclue uma cacetissima sequencia de tribunal e com Milton Sills engaiolado. Milton Sills e Maria Corda tomam conta dos principaes papeis. Ben Bard como villão não vae, não. O synchronismo está cheio de defeitos e parece ter sido feito com um gramophone ordinario.

E' um film que só se recommenda pela riqueza dos ambientes e pela magnifica construcção.

Cotação: 5 pontos — P. V.

FRANK BORZAGE

PATHÉ-PALACIO

O RIO DA VIDA — (The River) — Fox — Producção de 1929.

Frank Borzage antes de "O Setimo Céo" já era um bom director. A sua carreira já contava com grandes elevações capazes de, ellas só, fazerem um grande director. O grande film de Janet Gaynor e Charles Farrell foi o marco de sua passagem para o ról dos maiores directores da téla. "Anjo das Ruas" foi quasi uma quéda. Mas tinha uma indefinivel belleza pictorica. E as suas sequencias, de quando em quando, deixavam ver o bello talento do seu director.

Comtudo, até a estréa de "O Rio da Vida", nunca Frank Borzage fez jús, realmente, ao titulo de cineasta. Toda a sua obra cinematica anterior a este film revela um extraordinario talento directorial, muita imaginação, o mais delicado sentimento das cousas bellas. São trabalhos delicadissimos, verdadeiros poemas em imagens, que penetram e deliciam subtilmente o nosso espirito. São obras impeccaveis consideradas do ponto de vista de direcção cinematica. São geradores de mil emoções estheticas, como tudo o mais que é bello. Mas falta-lhes o verdadeiro sentido cinematico. Não são obras de um realizador. Não são criações de um cineasta no verdadeiro sentido desta palavra. Não impellem o Cinema para a frente. Não trazem nitidamente impressos os toques caracteristicos do director. São films que não revelam a individualidade de megaphonista. São apenas bem dirigidos. Têm uma forma perfeita. Mas não têm estylo. São films que a gente vê logo que tem o seu valor dividido entre o autor, o scenarista e o director. São obras sem unidade na realização.

Mas tudo isso foi antes de "O Rio da Vida". Aqui Frank Borzage é um cineasta. E' como si elle tivesse passado toda a sua carreira aprimorando os seus dotes directoriaes para agora revelar com segurança o seu indiscutivel talento de cineasta. E' verdade que o thema não é seu. O autor do assumpto é outro. Houve tambem um scenarista. Mas o film tem uma tamanha unidade de realização, é um trabalho igual e harmonioso que a gente sente que é obra de uma só cabeça. Forçosamente, Frank Borzage não ha duvida refundiu inteiramente o escripto que Phillip Klein e Dwight Cummins lhe entregaram. Modificou, corrigiu, passou tudo a limpo no seu cerebro.

E' um film symbolico. Não do symbolismo que os allemães adoram. Não do symbolismo artificial de "Metropolis". Não é uma fantasia. E' um drama real, tecido em torno de um thema humano como os que mais o sejam. Nasce na nascente de um rio, o rio da vida, onde são atirados dois caracteres completamente oppostos, uma mulher de experiencia e um rapaz com nenhuma... O amor que os domina é como o rio que lhes corre aos pés — purifica tendo, limpa todas as almas... E ambos continuam, findo o drama, a correr para o mar, para o incognoscivel, sem a ameaça agourenta do corvo...

Frank Borzage é um grande cineasta. E' incrivel como elle conseguiu dispôr nos seus logares verdadeiros tantos elementos dispares e difficeis de combinar! Elle fez esse milagre. Harmonisou tudo. Um magnifico estudo psychologico de dois caracteres collocados em dois extremos oppostos na escala de almas. Um elemento amoroso por isso mesmo pouco natural e capaz de em outras mãos menos habeis cair no "hokum" mais descarado. Incidentes capazes de offender espiritos delicados. Detalhes realistas. E symbolos admiraveis. Tudo. Dourou tudo com um estylo romantico tão subtil que a gente acceita com delicia as scenas de mais grosseiro materialismo. Os symbolos elle os collocou tão bem dentro da acção que os "fans" menos habituados com a linguagem do Cinema não os tomarão como taes, mas, sim, como meros detalhes ou simples incidentes.

A atmosphera de solidão que cerca os dois caracteres centraes é outro triumpho directorial. E' perfeita. Pesa sobre elles. A representação completa o film. Mas o final estragou o trabalho de Frank Borzage. Naturalmente foi exigencia da Fox.

Introduziu um pouco de melodrama. Fez voltar o passado de Mary Duncan na figura sinistra e convencioal do villão. E o matou para a felicidade dos dois amantes...

Do elenco destacam-se Charles Farrell e Mary Duncan. O primeiro tem um dos mais bellos desempenhos de sua carreira. Frank Borzage compoz nelle um caracter difficilimo — o de um rapaz puro, inexperiente. E com o valioso auxilio do seu talento não fere em todo o suave desenvolvimento do film uma só regra do bom senso. Criou uma alma sem exaggeros e sem exquisitices. Mary Duncan tem, tambem, um bom trabalho. E' verdade que é todo composto pelo director. Mas, coitada, que podia ella fazer? A sua experiencia theatral continua a prejudicar o seu trabalho cinematico. Ivan Linow, Alfred Sabato, Margaret Mann e Bert Woodriff são os outros membros do elenco.

Não percam "O Rio da Vida". E' um trabalho que honra o Cinema e prova que Frank Borzage é um grande cineasta.

Cotação: 8 pontos. — P. V.

CAPITOLIO

PELLE VERMELHA, ALMA DE NEVE — (Redskin) — Paramount — Producção de 1929.

Um joven indio é arrancado do seio de sua tribu pelo governo "yankee" para que receba instrucção de branco. Mais tarde é repudiado pelos brancos e expulso da tribu. E prompto. Está ahi a historia. Isto é, o film mostra mais uma complicação amorosa e uma historia muito mal contada de uma mina de petroleo. Mas a gente nem chega a reparar nisto. E' tudo demasiadamente banal, quando não excede os limites do convencional. Victor Schertzinger imprime uma direcção commum a todas as scenas. Em todo o caso, o bello trabalho de Richard Dix, que parece ter nascido para os papeis de pelle-vermelha, e a belleza incomparavel da região onde tem logar a acção do film, belleza realçada pelo colorido bem razoavel que foi empregado, elevam o film um pouco acima da mediocridade e o fazem um agradavel divertimento para os "fans". Gladys Belmont, que foi arrancada das filas de "extras" de Hollywood sae-se a contento. Jane Novak foi desenterrada do esquecimento em que vivia para interpretar um pequenino papel. Não valeu a pena... Tully Marshall quasi rouba o film. Nolile Johnson após muitas maldades morre mais uma vez.

Cotação: 5 pontos. —P. V.

PATHÉ

O FANTASMA DO TURF — (The Phantom of Turf) — Rayart — Producção de 1929 — (Prog. Matarazzo).

Um filmzinho fraco tecido em torno de um assumpto já muito batido. Quasi todos os elementos que o compõem pertencem ao archivo de convencionalismos do Cinema. E no fim, para gaudio dos que apodam o Cinema de divertimento barato, é uma corrida de cavallos que decide da sorte dos heroes e é um cavallo que dá cabo do villão. Felizmente, porém. o par Helene Costello-Rex Lease é dos mais sympathicos da téla. O que, comtudo, não impede que não sejam "de facto" nas scenas amorosas... Forrest Stanley fazendo de máo é uma novidade. Clarence Wilson e Danny Hoy completam o elenco. Ah! já ia esquecendo um outro interprete — o cavallo "Major"...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

O COMMANDANTE DA SENHORA RISONHA — (The Warning) — Columbia — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).

Jack Holt e Dorothy Revier são os heróes deste melodrama. A acção tem logar em Hong-Kong. E' uma complicação de lutas, perseguições e raptos com muitos tiros e uma porção de chinezes em scena. Tal qual como em quasi todos os films dirigidos por George B. Seitz os acontecimentos não têm logica. E' uma combinação de sensações e gargalhadas. Jack Holt salva Dorothy Revier de uma infinidade de perigos. Eugene Strong, Pat Harmon, George Kuwa e Norman Trevor tomam parte.

E' um film feito com o proposito unico e exclusivo de divertir. Poderá contentar aos poucos exigentes.

Cotação: 5 pontos. P. V.

RIALTO

A MARAVILHOSA MENTIRA DE NINA DE PETROWNA — (Die Wunderbare Luege der Nina Petrowna) — Ufa — Producção de 1929 — (Prog. Urania).

Uma das melhores producções da Ufa este anno. O seu thema é simples e humano. Narra com abundancia de situações velhas admiravelmente enroupadas de novo o drama de uma "cocotte" que trava conhecimento com o verdadeiro amor e é obrigada a perdel-o para não o desgraçar. Este é o fio de "plot". Mas quando se trata de um director como Haus Schwarz só isto basta.

De facto, com material tão simples Haus fez um film notavel. Em longas sequencias de uma belleza indescriptivel elle descreve num magnifico estylo moderno todo o drama da alma de "Nina Petrowna". Nem por um minuto beira o sentimentalismo piégas. Mostra todos os incidentes suavemente, de uma forma photogenica. Com detalhes, com symbolos bem escolhidos e acção. Descreve com subtileza a luta que se trava no intimo dos tres caracteres centraes. Suggere as reacções que os dominam. Traça-lhes com pericia os perfis. Foge de vez em quando para mostrar uma observação profunda e acurada da vida. E não se descuida um só segundo dos quadros que corta com a "camera", sempre bellos, e apanhados de angulos novos e originaes. Falta-lhe, comtudo, a delicadeza de um D'Arrast para se assenhorear melhor de situações como a da noite do joven official em casa de "Nina". E tambem um pouco mais de subtileza para não mostrar tudo o que pensa...

Mas é um director moderno, de personalidade. Tem um estylo seu. Sabe usar com intelligencia a sua "camera". E ás vezes emprega bem a reticencia...

Haus Schwarz tem um bello futuro diante de si. Só lhe falta um pouco mais de inspiração e um estudo mais profundo da syntaxe cinematica...

Este film é um allivio para quem já está desanimado de ver qualquer cousa de bom nos films européus.

Que maravilhoso final! Que linha na sequencia do jogo! E que magistral a do par de sapatos! Os "sets" são de uma photogenia raramente vista. A movimentação de "camera" é simplesmente louca. E a photographia é a melhor que tenho visto ultimamente.

Tudo o que se puder dizer do trabalho de Brigitte Helm ainda fica muito aquem da realidade. E' um dos seus mais perfeitos desempenhos. Ella em todas as scenas é a fibra que corresponde perfeitissimamente aos appellos do director. E além disso nunca a vi mais formosa, nem mais cheia de "it". Warwick Ward imprime uma linha inquebrantavel ao papel que vive. Continua a ser o artista correcto que Dupont revelou em "Varieté". Franz Lederer no joven apaixonado não satisfaz inteiramente. Deixa a desejar. O seu trabalho é bom. Mas o seu typo não convence de todo.

Vão ver. E' um notavel film allemão. O melhor destes ultimos tempos. Haus Schwarz é um director que faz jús ao sceptro mantido por D'Arrast. E Brigitte Helm é uma mulher do outro mundo. Ella e Greta Garbo são capazes de pôr em chammas este mundo e o outro, de onde ambas são.

Cotação: 8 pontos. — P. V.

BRIGITTE HELM E WARWICK WARD NA "MARAVILHOSA MENTIRA DE NINA PETROWNA

Mocidade Heroica

(FIM)

duas metade; entrega uma ao rapaz e guarda a outra, que "Pepito" deverá receber ao terminar o trabalho.

Acceito o "negocio", pôem-se todos a caminho. Patsy vae ao lado de "Pepito" no banco de direcção. De dentro do carro, o sujeito que parece ser chefe dos outros, dá as indicações do caminho a seguir. O carro enfia por uma rua sáe noutra, dobra aqui estoura acolá, e por fim pára defronte de um edificio do districto commercial. Dois dos sujeitos saltam e penetram no predio. Um fica no auto, de atalaia. Só ahi é que "Pepito" nota o perigo em que está mettido. O edificio é o do banco onde trabalha o pae, que lá deve estar, agora, fazendo a balanço do caixa.

Subitamente, surgem os dois larapios de dentro do banco, correndo para o auto. A' porta do edificio apparece o pae de "Pepito" em perseguição dos ladrões. Já de dentro do carro em movimento, dispara o chefe dos bandidos um tiro contra o velho, que cáe ali mesmo num grito de dôr.

"Pepito", que tudo agora comprehende, deita o carro a correr, sob as ameaças dos ladrões, sem medir perigo ou attender a signaes do trafego. As ruas passam, uma a uma, como uma fita. O auto, desabaladamente, cruza praças, entra por beccos, sáe em avenidas, galga estradas, com o accelerador aberto a mais não poder... Vôam desesperadamente os ladrões.

Por fim, já fóra da zona do roubo, começa o chefe da quadrilha a dar ordens ao chauffeur para que abrande a carreira. "Pepito" não lhe dá ouvidos — segue correndo sempre.

— Mais de vagar! brada o chefe, encostando o cano do revolver na nuca do rapaz. Este, porém, sem perder a calma, responde:

— Você matou o meu pae; pode atirar, si tem coragem!

E continua, com accelerador aberto, na mesma carreira. A certo ponto, quando menos esperam os ladrões, dá o rapaz uma volta brusca e faz o carro entrar com grande estrepito contra a parede envidraçada de uma casa: a estação policial do districto!

— Roubaram o Banco Nacional! Mataram meu pae! Obrigaram-me a servir-lhes de chauffeur — eu sou "Pepito" Thatcher! — diz o rapaz.

Os sujeitos são presos incontinente. "Pepito" recebe uma gratificação de dez mil dollars. E em casa, o pae, apenas, levemente ferido, recebe o filho — heroe desta arriscada aventura...

De São

(De Octavio Mendes, correspondente de "Cinearte"

VAMOS FAZER CINEMA BRASILEIRO

TAMAR MOEMA

E' summa tolice querer lutar contra a realidade esmagadora. O Cinema falado venceu. Está acabado! Não é preciso mais discussão sobre este ponto. Venceu e venceu em toda a linha. Ao publico boquiaberto de New York, Chicago, Los Angeles e de todas as demais cidades dos Estados Unidos, exhibem-se, diariamente, pelliculas e mais pelliculas faladas. Já têm 100% de côr. Vão ter 100% de dimensão natural. E, com o evoluir constante das irrequietas qualidades inventivas do homem, acabarão tendo 100% de visão natural. Ou, seja, films totalmente stereoscopicos.

Portanto, isto de estarmos a combater uma cousa que venceu, não é licito e nem cabivel. Pela mesma razão que nos impede de comparar um tilbury á um modelo recentissimo de Packard. Ou uma duzia de bôas Vichy á uma lampada Edison, maravilhosa.

Não nos convem esta attitude. Em absoluto! Damos a mão á palmatoria. Que venham os bôlos! Quantos os mestres queiram dar. Não importa. Mais vale reconhecer um erro do que ser rotineiro e vulgar. Portanto...

Assim é que contemplamos, extasiados, ás reclames vistosas das futuras producções dos Studios norte-americanos. "The Gold Diggers from Broadway"... da Warner Brothers. 100% em côr e toda falada e cantada. "Teey had to see Paris", da Fox, com trechos filmados e gravados em Paris, mesmo, com Will Rogers. "Paris", a deslumbrante farça revista de Martin Brown, com Irene Bordoni, a maior figura do theatro ligeiro norte-americano, embora seja franceza de origem. E, avidos, os nossos olhos lêm essas noticias que deslumbram.

Depois, nervosos, vamos folhear as revistas de invenções recentes. Queremos, doidos, lêr qual é a ultima! Qual é? Lemos... Lemos... Ora!... Que pena!... Em 15 dias, ainda nada de novo...

E continuamos na faina de procurar novidades. Novas conquistas no terreno da Cinematographia, o nosso enlevo de todos os dias. E não podemos acreditar, naturalmente, que, ha semanas, escrevemos contra o Cinema falado... Contra o Cinema falado! Parece incrivel... Falamos contra essa maravilha deslumbrante que é "Fox Movietone Follies". Contra "Broadway Melody", esse film louco e maravilhoso. Contra "In Old Arizona", o primeiro super-film gravado e filmado ao ar livre. Qual, positivamente deviamos ter uma bruma nos olhos ou uma pedrinha na intelligencia...

Toda esta obra que os annos levaram compondo. "Lyrio Partido". "David, o Caçula". "Alta Traição". "Paixão e Sangue". "A Carne e o Diabo". "O Circulo do Matrimonio". Todo este monumento, o que é, afinal, ao lado de um film que fala, que canta que nos mostra o azul, o vermelho, o amarello e o verde? O que é? De que nos vale ficar duas horas mergulhado numa poltrona contemplando esse sonho que parece mentira, "Ouro e Maldicção", embora tenha 48 partes, se podemos, felizes, ouvir a vózinha fanhosa de Alice White ou os suspiros amorosos de um Charles King? A farça angustiada de Charles Chaplin. Esses films que trazem risos e gargalhadas mas que são o espelho nitido das nossas vidas porque trazem, nelles, os ridiculos todos em que cahimos, passo a passo, o que são, pobrezinhos, comparados á piada dita em voz poderosa e tonitroante por um engraçadissimo Moran ou um gosadissimo Mack? De films, inteirinhos, filmados com a machina em uma só posição, á um "Martyrio de Jeanne D'Arc" em que vimos e sentimos o menor esgar da menor expressão, que vantagem levamos, quando, immoveis, vemos tudo "flou", quadros vasios, mas ouvimos, extasiados e inanimados os suspiros, gemidos, gritos e sussurros dos nossos estimados artistas?

Não, eu me sinto culpado. Sinto-me amesquinhado diante do erro sem nome que commetti. Mas sempre é tempo para dar a mão á palmatoria. Sou pelo Cinema falado. Indiscutivelmente...

* * *

Quando chega a época de São João, vamos todos para a fazenda do tio Bernardo. Festejamos os santos todos do mez de Junho. E, depois do descanço cansado de tanto pagodear, voltamos. E, mezes depois, quando chega a época de Christo nascer e das creancinhas sentirem essa satisfação intensa que tanto infantiliza os "grandes", tio Bernardo vem para a nossa casa.

Bom homem o tio Bernardo. Sempre tem um sorriso bondoso ao canto dos labios. Sorri á tudo. E não usa ternos de brim ordinario e nem traz sapatões de couro crú. Ao contrario. Traja um jaquetão muito amoldado ao seu physico de velho elegante. E usa sapatos reluzentes e confortavelmente distinctos. Eu já lhe disse que elle parecia com o Edward Martindel.

Entre os seus fracos, posso garantir que não existe um cabaret, aonde se bebe champagne e se gasta a rodo. E nem, tão pouco, uma loirinha que se diz Ninon ou Ninette e que nasceu em Varsovia.

O unico goso espiritual da sua culta intelligencia é o Cinema. Nada lhe parece tão interessante. Nada lhe sabe tanto ao paladar. Tem Pathé Baby. Lê os artigos do Sergio Barreto. Compra as ultimas novidades em films para taes apparelhos. E, nos dias em que passa por São Paulo em companhia da sua adorada tia Maria, vae diariamente aos Cinemas e, ás vezes, á mais de um.

E' por isto que eu ando preoccupado. Preoccupado e aborrecido. Vou apresentar-lhe, daqui ha mezes, o novo Cinema. Como elle o receberá? Bem? Mal? Com agrado?

Durmo sempre pensando nisto. E quando se dorme tendo em mente alguma cousa que impressiona e que aborrece, quasi sempre se sonha com isso...

E tio Bernardo me appareceu. Fomos ao Odeon. Ouvimos "No Velho Arizona". Um silencio impressionante acompanhou o film todo. Imagine-se! Elle, o tio Bernardo que dava cada cotucão na gente, quando os detalhes e os subentendimentos preciosos desfilavam pela téla magica... Não cotucou e nem tugiu! Quedou silencioso...

No bonde, á sahida, não falou. Discutiu com o homem que lhe offereceu passes. E, em casa, não tomou chá.

Paulo

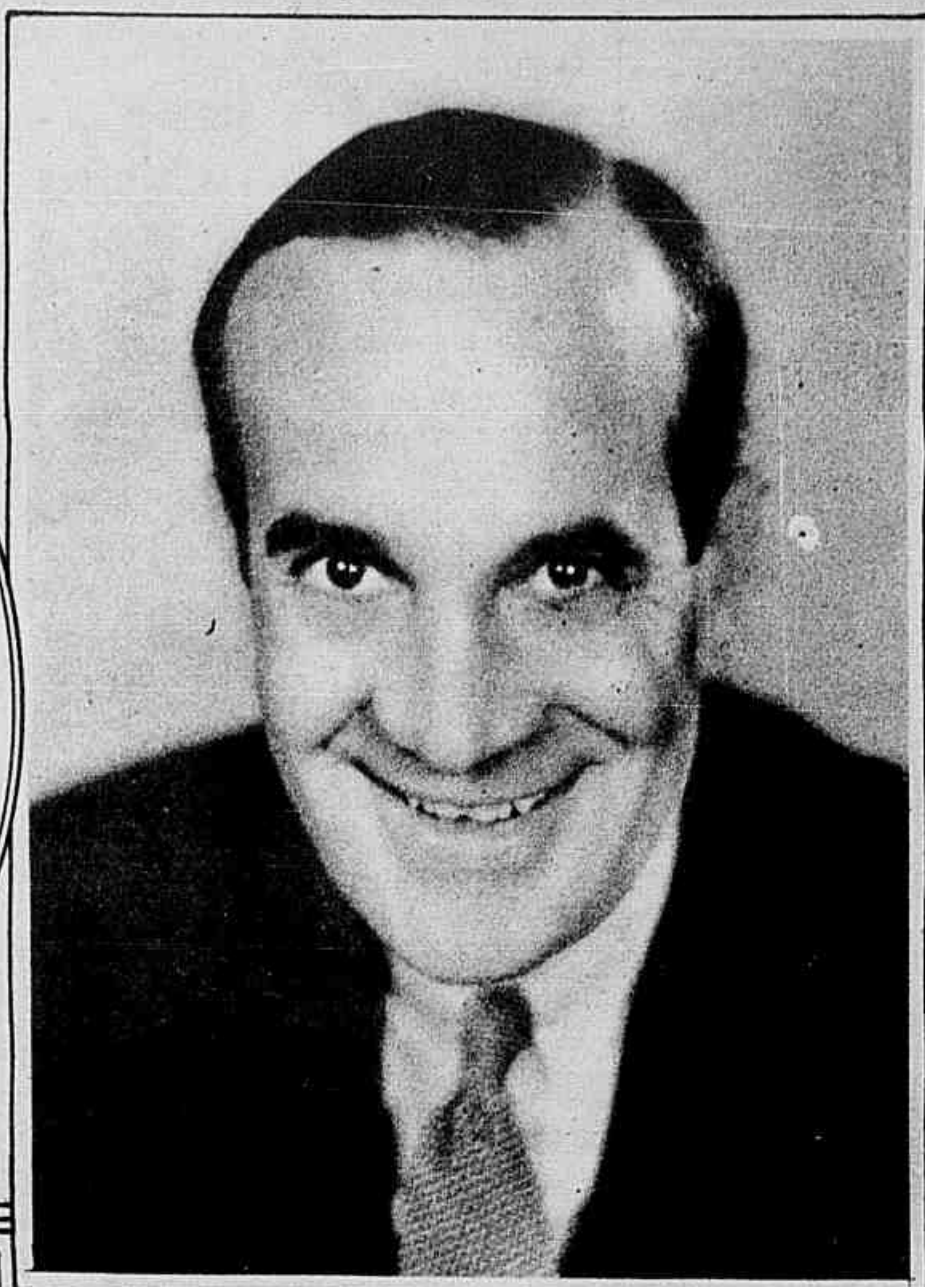
No dia seguinte, estava triste e abatido. Manias de velho! Sahiu! após o almoço. Convidei-o para "ouvir" um film. Elle me olhou sério. Depois nem respondeu ao meu adeus. A' tarde, ao jantar, trouxe uma corôa. De capim e muito bem arranjadinha. Curiosos, naturalmente, perguntamos, quasi que juntos, todos nós. "Titio. Para que isso?".

Elle nos olhou e respondeu, ageitando os oculos severissimos.

"E' para botar no tumulo da intelligencia desse povo que não se revolta e que se sujeita á esse abuso inominavel! Virem fazer piadas e troça em lingua extranha. Virem dizer mil vezes "I love you" ás suas conquistas. Virem cantar hymnos patrioticos. Virem exclamar vibrantes saudações á bandeira das estrellinhas. Tudo em inglez! E' desafôro! "Tomem vocês esta corôa de capim que é bem uma consagração ás vossas intellectualidades de carneiros!"

E partiu para o interior no dia seguinte...

Quando despertei, tinha um gosto de capim na bocca e um ar meio estuporado. Puz-me a reflectir. E, felizmente, conclui que era sonho. Pois então é lá possivel que tio Bernardo, homem intelligente e culto não gosta de Cinema falado? Será ridiculo, até, se elle disser que não entende nada! Mas qual! Creio que posso socegar. Porque emquanto se discute politica. Ninguem cuidará, por certo, de pôr um termo á este inglez sem fim e tão "entendido" pelo nosso publico...

HARRY JOLSON, IRMÃO DE AL. JOLSON

AL. JOLSON

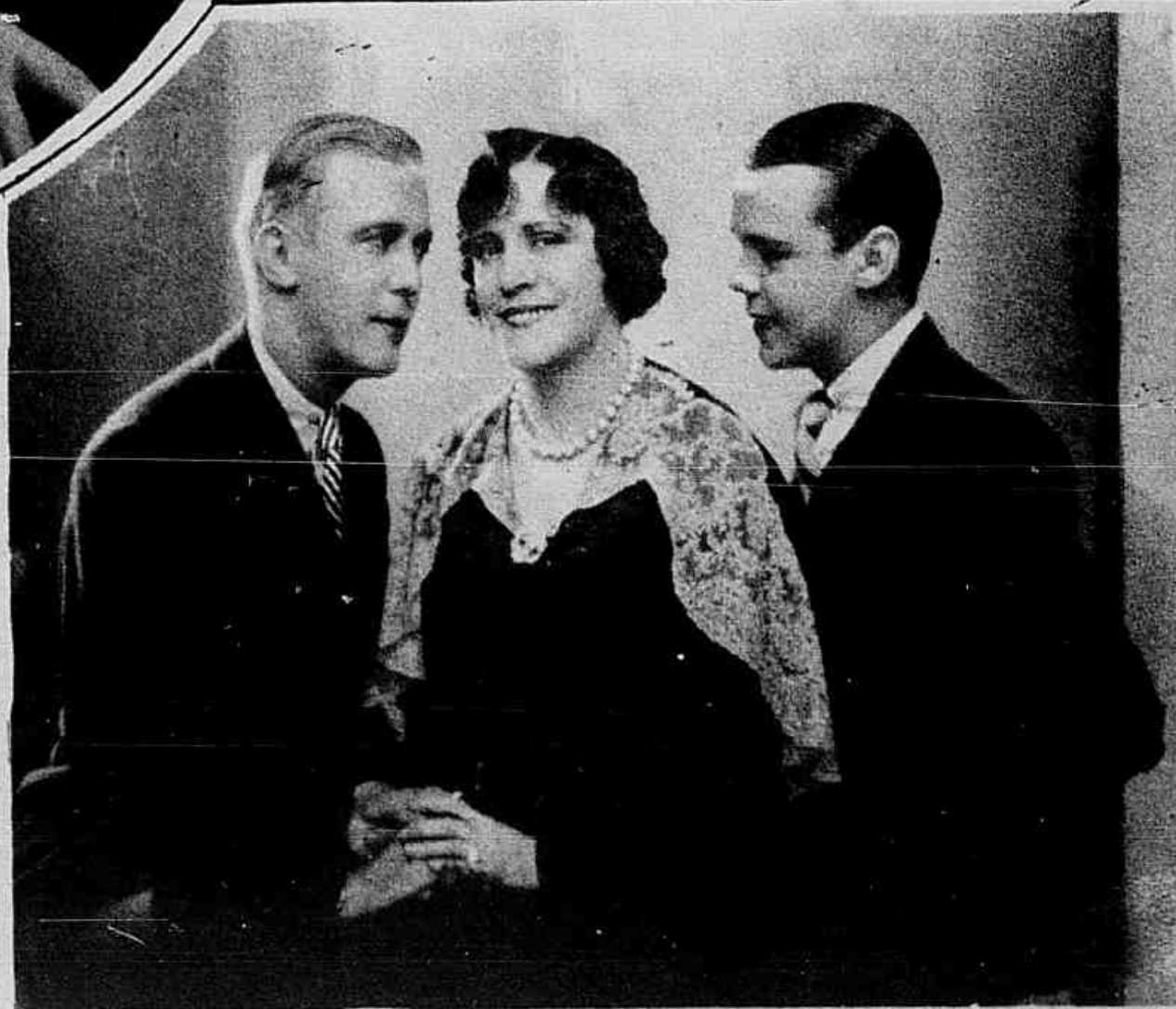
JAMES GLEASON E SENHORA

WALTER WOOLF

RAYMOND MAUREL

HAL SKELLY

FREDRIC MARCH

OS TRES ROONEYS: PAT, MARION BENT E PAT II

Symphonia do Jazz

(F I M)

Max? Não é estupendo, o rapaz? pergunta a actriz ao emprezario, já por seu turno dominado pelo mestre da orchestra.

E a propria Marjorie arranja o plano pelo qual Max dá uma semana de prova, no palco do Babylonia, ao joven musico. O successo, tal como esperava a moça, é de todo compensador. Já para os fins da semana, com a casa cheia todas as noites, decide-se Max a fazer uma proposta definitiva ao mestre da banda. Sem perder tempo, corre Marjorie a dar as boas novas ao seu sympathico protegido.

Dias depois assegurado o triumpho estupendo da banda, o astuto Max não mais reluta em assignar um contracto com o rapaz, ainda que lhe tenha de pagar "duzentos ou trezentos" dollars por semana. Acompanhado e bem "instruido" por Marjorie, entra West, e tão prompto lhe fala o emprezario em emprego e contracto, estoura-lhe o rapaz a bomba dos "mil dollars" — sem um centavo de menos! Discutem. O emprezario offerece-lhe quinhentos, seiscentos, setecentos e cincoenta dollars. O rapaz aferra-se nos mil, e Max está já para se dar por vencido, quando lhe entregam um telegramma. O emprezario corre a vista pelo papel e dispara uma das suas gargalhadas sardonicas. — Não acceita a proposta? pergunta ao rapaz. Tanto melhor! E redobra a gargalhada. — Aqui está o "numero" de que eu preciso, diz o emprezario, victoriosamente, mostrando o despacho

"Barney & Bay", dois jazzistas de primeira, acceitam a proposta que lhe fiz, e aqui estarão hoje mesmo, para o espectaculo.

Esfumam-se, assim, de um só golpe, todas as esperanças de Al West. Quasi a chorar, volta a ter com Marjorie, desalentado, vencido. Mas a pequena não se abate.

Ao contrario, cheia de optimismo, consolando dizendo: "o que fôr teu á tua mão ha de vir..."

Estreiam, naquella noite, no theatro do Max, os dois cantores de jazz Barney e Bay. Grande successo. Intenso regosijo para o emprezario. Marjorie, nos bastidores, é das primeiras a felicitar os collegas de arte pelo retumbante effeito da estréa. Fazem-se amigos á primeira vista. E os dois, animados pela encantadora belleza da pequena actriz, começam ás escondidas um do outro, a fazer-lhe os mais rasgados galanteios. West os surprerende, certa vez, no camarim de sua noiva, e, naturalmente, enche-se de ciumes. Ao retirarem-se os dois, decide-se o musico: em poucas palavras diz o que quer. Quando a moça vae explicar, batendo a porta, sáe West para não mais voltar, como lhe diz, arrebatadamente. A sós, no camarim, Marjorie desfaz-se em pranto.

No dia seguinte, sabbado, Barney e Bay, encontrando-se com a pequena, renovam os seus galanteios. Sempre graciosa, acceita Marjorie a côrte que ambos lhe offerecem. E com os dois, cada um por seu turno, comprometté-se para uma ceia, depois do espectaculo, em um mesmo restaurante. A' hora aprazada, lá váe ter Marjorie. Logo depois chega Barney. Em compartimento visinho installa-se Bay, impaciente, á espera da sua linda convidada.

Al West, entristecido com os acontecimentos da vespera, vae tambem ao mesmo restaurante á procura de diversão. Bay, do seu compartimento, ouve uma voz conhecida. E' o collega de Bay que explica a Marjorie que o outro de nada vale no acto que representam no theatro. O successo deve-se somente a elle, Barney. Segue a palestra. Bay, porém sem poder conter-se, sae do seu apparente esconderijo, e desafia o falso amigo a sahir e repetir do lado de fóra o que diz.

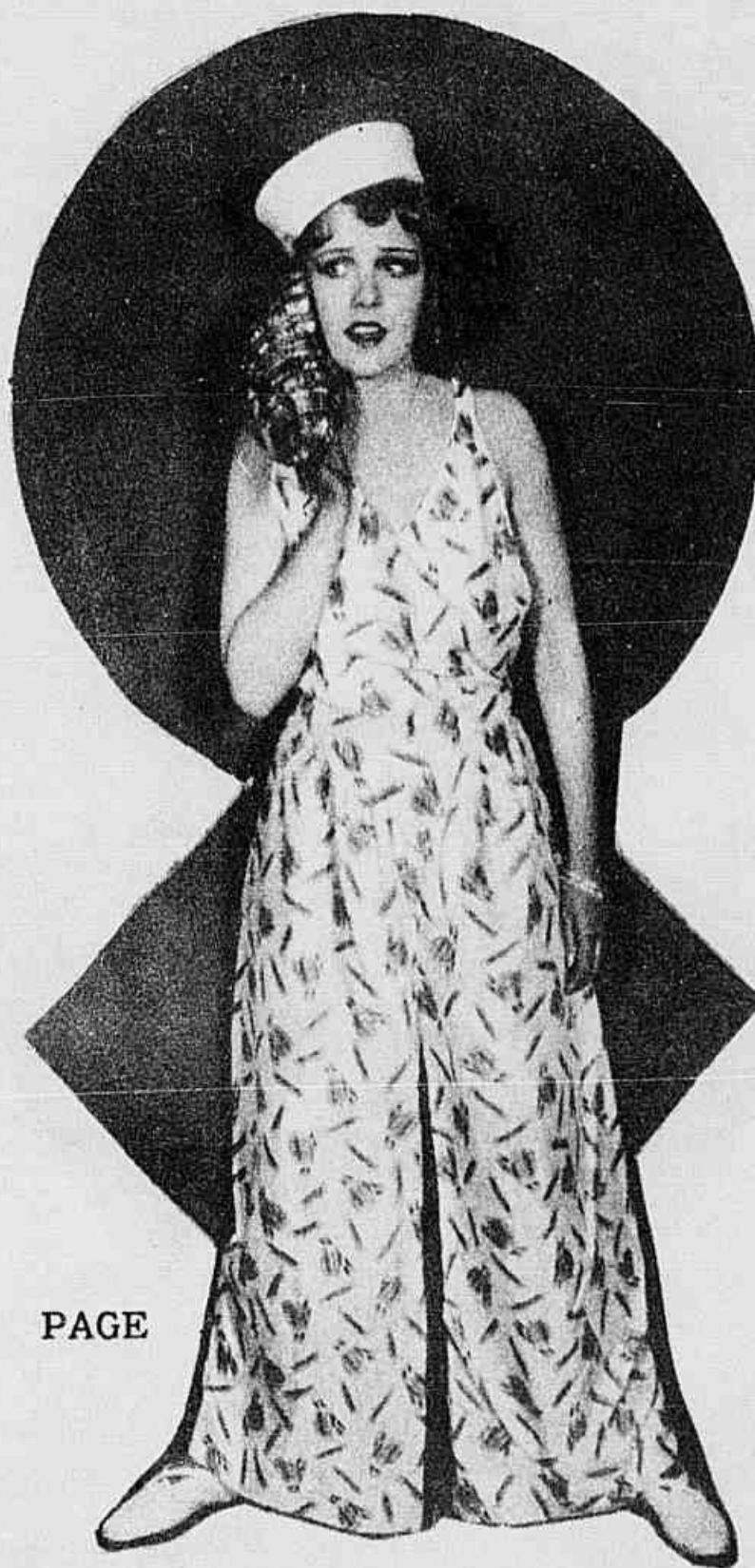
Discutem. Berram desafôros de parte a parte. Pegam-se aos sopapos. Ha escandalo. Chega a policia. Chegam reporters. debandam os freguezes. West e Marjorie encontram-se á porta. Ainda uma vez quer a moça explicar. O musico detem-na. O que ouvira já lhe basta! E' a prova mais precisa de sua falsidade. Está farto de perfidias, brada-lhe á queima-roupa, e desapparece num taxi. Marjorie, sempre mulher, vale-se das lagrimas...

* * *

Na manhã seguinte, estão os jornaes cheios de noticias e clichés que retratam os promotores do disturbio. Os famosos Barney e Bay, ás voltas com a policia, não podem representar o seu numero nem o publico ha de querer ouvil-os depois de tamanho escandalo. Max, ao ver os jornaes, reconhece o desastre. Está perdido! Corre a ter com Marjorie. — Anda, vae dizer a West que eu pago os mil dollars e assigno um contracto por cinco annos. Si não vem, estou arruinado, diz Max ajustando ao nariz escorregadio os pesados oculos de tartaruga.

Alegre pelo successo do seu plano, corre Marjorie a ter com o namorado. O rapaz nem lhe quer falar. A pequena explica-lhe que os mil dollars estão garantidos, mas elle não lhe dá ouvidos. Depois, lembra-se da conversa e da familiaridade de Marjorie com o sujeito que o substituira no theatro. Não, não póde haver reconciliação possivel!

— Não vês, tôlo, diz-lhe Marjorie, que só assim é que eu podia ajudar-te? Tudo que fiz foi planejado direitinho para obter este effeito. Eu sabia que só promovendo esta briga de Barney e Bay, os poderia retirar do palco, e só na falta delles voltaria Max a chamar-te. Acreditas agora? Não vês, Al, que eu sempre te amei e que não te desprezar'a por nada neste mundo? Já crês agora, que eu te amo?

Ahi o musico sorri. A' noite, ao entrarem no theatro, são recebidos ao som da "Marcha Nupcial" de Chopin. Era uma surpreza arranjada por Marjorie, para annunciar o seu casamento naquella mesma noite.

PAGE

Sic Transit . . .

(F I M)

Dorme em paz, Lucille Ricksen... Um dia, chegou da sua terra loura e fria, um pallido escandinavo sonhador...

Trazia nos olhos tristes e exquisitos, o reflexo fantastico das auroras boreaes...

E Einar Hansen parecia "the darling of the gods", quando, um dia, nos escolhos de uma praia distante, despedaçou seu automovel e sua vida...

Pobre Einar! Levou comsigo o segredo do seu gesto desesperado... E nunca se saberá porque elle preferiu a brancura gelada do tumulo ao calor dourado de Hollywood...

Foi o fogo que matou Martha Mansfield.. Ella sentiu o seu abraço quente envolver-lhe o corpo de deusa. E quando o fogo afrouxou seu braço feroz, sua victima caiu por terra, sem vida.

E Arnold Kent, que veiu da sua terra linda de sol, tão cheio de esperanças? E Mary Thurman, banhista alegre e despreoccupada, que se banhava loucamente nas aguas da vida? E Larry Semon, o palhaço divertido, que tanto amou o riso? E Olive Thomas, e Max Linder, e Kate Lester, e Fred Thompson, e tantos outros mais?

E ao pensar nesses astros que se apagaram, nesses idolos que tombaram, meu coração confrange-se, com vontade de chorar.

Sentidamente, com muita commoção na voz invisivel, a victrola me diz: Te acompaño el sentimiento...

Elles morreram. E sobre suas imagens o mundo estendeu o manto negro do esquecimento. Apenas, no coração dos fans, resta ainda uma lembrança dorida daquelles que foram um dia, admirados e amados.

Sic transit...

MYSTÈRE

ISTO É UM PARAISO

(F I M)

o seu chauffeur, fiel ás instrucções recebidas, deixa as rodas do carro girar, na garage, para que o taximetro alcance a importancia determinada pela rapariga. E é assim, com o dinheiro suppostamente ganho por Jimmy em transportar freguezes, que vão sendo pagas as prestações do carro...

Entrementes, Mamie, que foi applicando as suas theorias a respeito da vida, conseguiu convencer um opulento banqueiro a installal-a num elegante aposento do Park Avenuo. Ella volta um dia para casa com uma riquissima capa de pelles, que enche Eva de admiração. Quando, porém, ella conta de que modo a obteve, essa revelação como que levanta uma barreira entre as duas raparigas.

O dinheiro da ultima prestação do taxi está finalmente em poder de Eva. Mas o tio Frank, que é um jogador inveterado, descobre onde o dinheiro está escondido, justamente quando está a catar uma importancia que lhe permitta jogar num "parco certo". Succumbe á tentação. Perde o dinheiro. Eva descobre o roubo, mas nada diz a Jimmy, e quem julga pobre. Afflicta, ella recorre ao opulento banqueiro que é amante de Mamie. Delle alcança de facto o dinheiro, mais facilmente do que previra. O protector de Mamie insiste, porém, em reconduzil-a a casa. Jimmy avista Eva quando ella se apoia do carro do banqueiro e immediatamente o assalta a idéa de que a pequena esteja seguindo as theorias e conselhos da prima, abandonando-o por julgal-o pobre demais.

Mas os factos se esclarecem ainda em tempo e Eva é levada como noiva, não para o aposento pobre que escolhera, mas para o palacete de seus sonhos que Jimmy adquiriu e mobiliou em segredo para ella. E Eva, aninhando-se nos braços do mancebo, radiante de alegria, murmura-lhe ao ouvido:

— Jimmy, isto é um Paraiso!...

"CINEARTE
ALBUM"
ESTA' UM
COLOSSO!
AUDREY
FERRIS
VAMOS FAZER
CINEMA BRASILEIRO

Cinema de Amadores

(F I M)

OS METHODOS PROFISSIONAES NA CAPITAL DA FILMLANDIA

tados em plataformas movediças, ou "trucks", como se diz. E' por isso que os "carros" para as camaras fizeram o seu apparecimento. Num outro Studio, por exemplo, uma camara nos chama a attenção. Está montada sobre uma fortissima móla de aço em espiral. Trata-se de uma scena de luta e o supporte da camara permitte seguir cada um dos ataques dos contendores. Do mesmo modo, um supporte original como esse permittirá que se obtenham effeitos melhores, tratando-se de scenas no interior de trens, autos, navios, etc.

Para seguir uma acção que se desenvolve ao longo de uma escadaria, por exemplo, alguns technicos ja construiram um novo supporte que se assemelha tal e qual a um andaime com elevador, desses que se usam nas construcções, mas sobre rodas. A' proporção que os actores descem ou sobem os degraus da escada, o elevador, preparado solidamente, levanta ou abaixa a camara. Porém, ao mesmo tempo, o apparelho avança ou recua, de modo que o resultado é o seguinte: o eixo das lentes fica sendo uma diagonal, parallela ao plano da escada, e a distancia entre a objectiva e o assumpto permanece, por isso, sempre a mesma. Essa especie de supportes para a camara é devida á actual technica cinematographica, que exige que a camara siga a acção. Quando o film é projectado na téla, o espectador sente que está seguindo os artistas de perto, e isso é um progresso notavel nestes tres ultimos annos.

Outra coisa que impressiona muito o amador é o trabalho que os cinematographistas de hoje não dispensam para manterem os assumptos "dentro de um fóco perfeito". Algumas camaras estão equipadas, hoje em dia, com um pequeno apparelho que permitte a focalização sobre um vidro despolido, directamente, ou, quando isso não é possivel, sobre a propria emulsão do film. Em ultimo caso, a distancia entre a objectiva e o assumpto é cuidadosamente medida, e o fóco é escolhido de accordo com essa distancia. Em varios studios, o operador marca no chão, com giz uma serie de distancias tomadas com a trena. Por exemplo: 5, 10, 12, 18, 25 metros. E depois, á proporção que o "carro" da camara vae avançando e attingindo as marcas de giz, elle vae mudando o fóco, de accordo prévio com a distancia medida. O tamanho da imagem, quando é projectada na téla, exige que o fóco seja perfeito; qualquer defeito na focalização é facilmente notavel sobre a téla de prata.

A composição artistica, tão desprezada por uma quantidade de amadores, é outro ponto que tem tido o seu desenvolvimento individual, em Hollywood. Não só o operador é responsavel pela composição obtida, como tambem os technicos, o director, e até os proprios assistentes de director. As scenas nunca são tomadas sem serem primeiro cuidadosamente "pesadas". Antes de collocar a camara em um novo logar, o operador estuda primeiro a situação de todos os angulos possiveis. Dirige-se de cá para lá, scena após scena, á procura da melhor posição. Em co-operação com os electricistas, as luzes são experimentadas em uma variedade infinita de posições, para determinar o melhor effeito. Nada é deixado ao acaso; tudo é experimentado e regulado primeiro, antes de entrar em acção.

O velho e conhecido "blue-glass" ou "lente-azul" agora já não tem mais aquella côr. O "blue-glass" era u mfiltro de uma só côr, azul, usado pelo operador ou pelo director para attestar a sensibilidade do film e vêr si o activismo das côres empregadas estavam de accordo com aquella sensibilidade do film. Hoje, com o emprego do film panchromatico, o filtro passou a ser pardo, afim de permittir que certos raios sejam visiveis. E' interessante "vêr" a scena atravez de ambos os filtros, porque assim se aprecia melhor a differença entre o film commum e o panchromatico.

Todos os "trucs" empregados nos studios, desde as miniaturas até a neve artificial, ainda estão no primeiro plano, em materia de technica cinematographica. Varios desses "trucs" já foram tão empregados que os directores procuram furtar-se ao seu uso. Esses "trucs" continuam sem a menor novidade para o verdadeiro "fan"; no entanto, os operadores não procuram absolutamente inventar novos, nem tão pouco disfarçar os antigos com modos e meios novos.

A popularidade do Cinema de Amadores por todo este mundo é um facto acolhido com verdadeiro enthusiasmo por todos os studios de Hollywood. Os operadores dizem que o resultado dessa popularidade do Cinema em Casa "é que o proprio trabalho delles é mais apreciado". Elles proprios confessam, aliás que o Cinema de Amadores tem-nos tornado a elles, operadores, mais cuidadosos e mais exactos, porque desejam ser os "modelos" para o amador. A' proporção que o operador-amador consegue melhores resultados, o operador-profissional trata de descobrir novos effeitos ou novos processos, afim de manter a supremacia da "raça". Com os recursos infinitos dos studios sob as suas ordens, é claro que a "raça" dos operadores-profissionaes continuará sendo a mesma de sempre, mas no dia em que o amador se apropriar desses recursos, desses methodos, simplificados até o maximo possivel, então o Cinema alcançará mais um dos planos lá em cima, no céu do Progresso Humano, onde fica o seu destino!

ANITA

A sereia de Montana

(F I M)

tracto. Parece que elles não sabiam o que fazer d'ella, e Myrna não está absolutamente certa de que elles já tenham chegado a algum resultado nesse sentido.

O seu primeiro successo de verdade, sobreveiu com "THE DESERT SONG", em que ella fez o papel de "Azuri", a impetuosa e vingativa indigenazinha da opereta de Sigmund Bomberg. "Azuri" era uma dansarina, e a sua antiga experiencia de muito lhe valeu.

"Foi-me precisa muita persuasão para que me facilitassem essa opportunidade, diz Myrna. "Azuri" era um papel dramatico e difficil, e a minha falta de tirocinio não lhes inspirava confiança, sobretudo uma distribuição de artistas conhecedores de todos os trucs da scena.

"Mas insisti pertinaz, e, afinal, com muita tergiversação, prometteram-me o papel. Senti que haviam cedido, contrariando a sua propria opinião, e, por isso, eu estava no dever de mostrar que estavam enganados. Tal estado de espirito não era de natureza a facilitar o meu trabalho.

"THE DESERT SONG" foi feito antes dos studios haverem instituido os professores de declamação. Faltava-me a pratica nesse terreno e eu nunca antes falara para a téla. Arranjei para "Azuri" dialecto com os meus parcos conhecimentos do francez."

"Azuri" foi a pedra fundamental de Myrna, representou para ella a conquista do que ambicionava. Logo após esse papel ella foi designada para "Nabi", a cigana enfeitiçada "THE SQUALL". Não foi um film esse particularmente bom e não era tambem uma peça de theatro lá muito boa, apesar do seu successo. Mas "Nabi" era a figura central — a incarnação de um espirito máo. De novo a critica lhe foi favoravel.

A Fox tomou emprestada para o papel da especie de deusa "Jasmim" em "THE BLACK WATCH". A sua caracterização dava-lhe um ar de Joanna D'Arc oriental.

Agora ella tem um papel de rapariga mexicana, em "THE TEXAS MOON" que Warner Brothers vão filmar em "technicolor".

"O film falado teve uma grande significação para a minha carreira. Eu não teria podido, jamais, ser uma "leading lady" na téla muda. Não tenho o typo a que o publico se habituou. Via-me sentenciada aos papeis de "Learies" O Cinema falado creou uma vida mais larga. A leading lady já não precisa mais ser a pura Bondade. Tome-se por exemplo "A CARTA", Jeanne Eagles não era uma boa mulher, mas tambem não era má. Era apenas uma victima das circumstancias.

Myrna se rebella contra a divulgação pela imprensa dos "casos do coração". Assim, quem quizer saber alguma coisa a esse respeito não lhe pergunte, que ella nada responderá.

Aos curiosos, diremos apenas, que ella é vista frequentemente em companhia de Barry Norton.

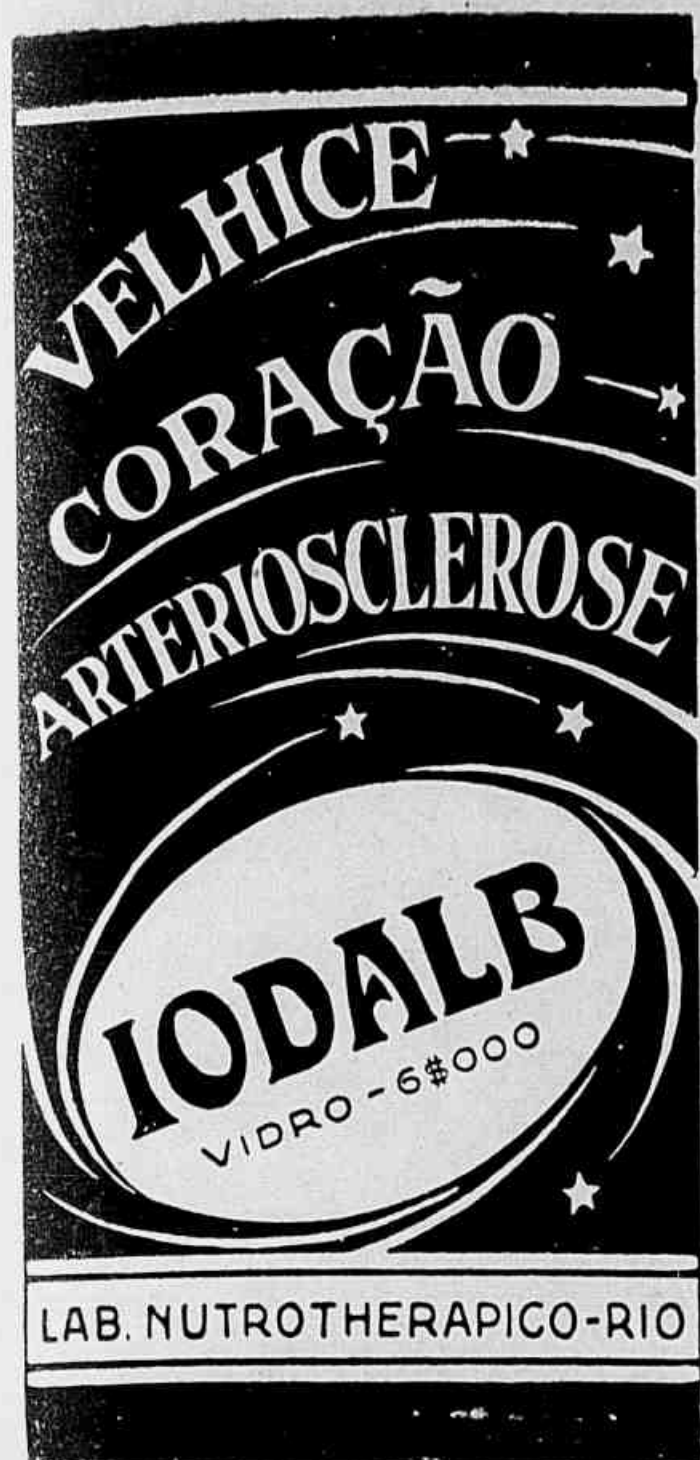
Em materia de passatempo e entretenimento, ella prefere o automovel e a natação, e o cinema, ás festas e reuniões. Quando não está occupada pela sua profissão, entrega-se á esculptura, modelando estatuetas. Mas a maior parte do tempo vive trabalhando. Para as bandas do leste, ella nunca passou além de Montana, mas si tivesse tempo gostaria de dar uma olhadella a New York.

Myrna mora com sua mãe e um irmão mais moço.

Augusto Genina está filmando por conta da Sofar de Paris, "Tango" uma producção sonóra e falada, na qual Carmen Boni tem o principal papel.

Até que emfim Pola Negri se decidiu a filmar para a Imperial Film, da França, "Traquée".

Gennaro Righelli continua em actividade na direcção de uma sua nova producção, na qual tomam parte: Renée Heribal, Alex Bernard e Fritz Kortner.

Leda Gys está se preparando para posar o seu primeiro film sonoro e cantado, por conta da Titanus Film, de Napoli.

BANCROFT!

(FIM)

pho arranjava a machina, perguntei-lhe ainda, qual seu film predilecto depois de "Underworld". (Paixão e Sangue).

"Depois de Underworld?"

Elle não sabia dar opinião... Perguntou a duas pessoas presentes, e acabou vacillando entre "Lobo da bolsa" porque está dando dinheiro, e "Homem de Marmore" porque fôra o mais recente...

"Qual dos meus films gostaram mais no Mexico, perdão, no Brasil? — Perguntou-me.

"Paixão e Sangue" e Docas de New York" de preferencia, porém, todos os seus films agradam.

A chapa já tinha sido batida, e nós continuavamos sentados ao chão. Se não fosse sua filhinha vir ao seu encontro, ainda poderia, mesmo a custo, colher mais algumas opiniões suas.

O NOIVO DE CLARA BOW

(FIM)

o momento em que me vi reconhecida e obrigada a deitar pose perdendo, portanto, o direito de "ser eu mesma".

"E é tudo. São os unicos logares a que já fui. Levantar de manhã e ir para o trabalho e trabalhar, trabalhar, trabalhar. A noite voltar para casa. Não poder dormir, com o espirito carregado de preoccupações, pensando na vida, no novo film, no texto que tenho de recitar, numa infinidade de coisas, afinal.

"E' isso viver? Que é a vida? Certamente não é nada disso.

"E onde a encontrarei eu, essa vida que procuro? Na Europa talvez? Em outro logar qualquer, fóra de Hollywood e longe d'essas scenas familiares e caras por demais conhecidas? E acredita você (indaga ella ao jornalista que a ouvia) que a vida esteja n'alguma casinha tranquilla do sul da França, com um homem que me pudesse dar alguma coisa?

"Vou me sentindo fantastica, e isso porque tenho trabalhado muito. Tenho nervos, estão totalmente arrebentados. Sinto-me, na verdade, no vertice critico. O meu contracto tem ainda dois annos. Pode ser que depois d'isso. E' possivel que eu o renove, é possivel que eu possua o dinheiro sufficiente para me ir embora e por lá ficar."

Resta agora tratar de Harry Richman, que, diz a jornalista, pode não ser o homem que Clara procura. E' apenas mais um companheiro de folguedos. Apenas um antidoto para o mal de espirito de Clara.

Clara é realmente uma soffredora, e não será menos agudo o soffrimento, pelo facto de não offerecer ella o campo propicio, fundamental necessario para uma completa introspecção. Si jamais houve uma alma de Prometheu, Clara a possue sem duvida.

Ella detesta os papeis de doudivanas que lhe têm sido dado, — talhados todos ao mesmo molde. Ella possue a capacidade para os grandes papeis dramaticos. Esta é pelo menos a opinião de Paul Bern um dos mais judiciosos criticos de Hollywood, que affirma possuir Clara as possibilidades para ser a maior artista dramatica da téla dos nossos dias. **Zaza** ou **Catharina a Grande** serão personagens que ella interpretaria com perfeita aptidão.

E Clara sente isso, embora não saiba explicar o porque dessa sua convicção.

Harry Richman não representará talvez a solução definitiva do enigma do universo para Clara.

Elles se conheceram em New York quando Clara ali esteve o anno passado. Mostrou-se gentil para com ella. Clara gosta de musica e elle sabe cantar Richman fez-se seu chevalier servant e quando ella regressou a Hollywood, continuaram a corresponder-se.

Encontraram-se depois d'isso, ha algumas semanas atraz, em casa de Joseph Schenck. Harry, como sabeis, está fazendo um film para a United Artists, e Clara, sempre inquieta, sempre em busca de alguma coisa e julgando-se desditosa, viu-o com a mesma sympathia que o havia visto em New York.

Annunciou-se o noivado Clara tem sido noiva muitas vezes. Desta vez o nome do eleito é Harry Richman. A colonia do film mostra-se sceptica e inclinada o acreditar que "Harry precisa de reclame". Mas Hollywood é assim mesmo.

Mas Clara necessita de alguma coisa mais que de alegria, jazz e musica. Clara precisa repouso — si lhe for possivel ficar quieta — e de um scenario differente. Novas scenas, novas caras, novas esperanças e novas ambições.

Ella se tem esgotado com o seu

(Termina no proximo numero).

George Carpentier tem um importante papel ao lado de Sally O'Neil e Marion Byron em "Hood Every-ting" da Warner.

卍

"The Last of Mrs. Cheney" de Norma Shearer dirigido por Sidney Franklin foi considerado pela critica norte-americana o melhor exemplar de film falado.

Todos os films brasileiros devem ser vistos.

卍

Edmund Lowe acaba de assignar um novo contracto a longo prazo com a Fox.

卍

A Paramount está em vesperas de tomar conta da British International de Londres.

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BHERING e A. A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida à Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6.247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

E' AGORA A OCCASIÃO

durante um limitado espaço de tempo de comprar a Pepsodent a preços reduzidos e convencer-se do seu poder em destruir a pellicula escura e tornar-lhe os dentes de uma brancura deslumbrante.

PROGRAMMA REX

RUA DA CARIOCA, 6 — 1° andar

END. TELEG: FILME — TELEPHONE CENTRAL 3654

COMPLETO SORTIMENTO DE TODO MATERIAL E PEÇAS SOBRESALENTES

Pathé e Gaumont

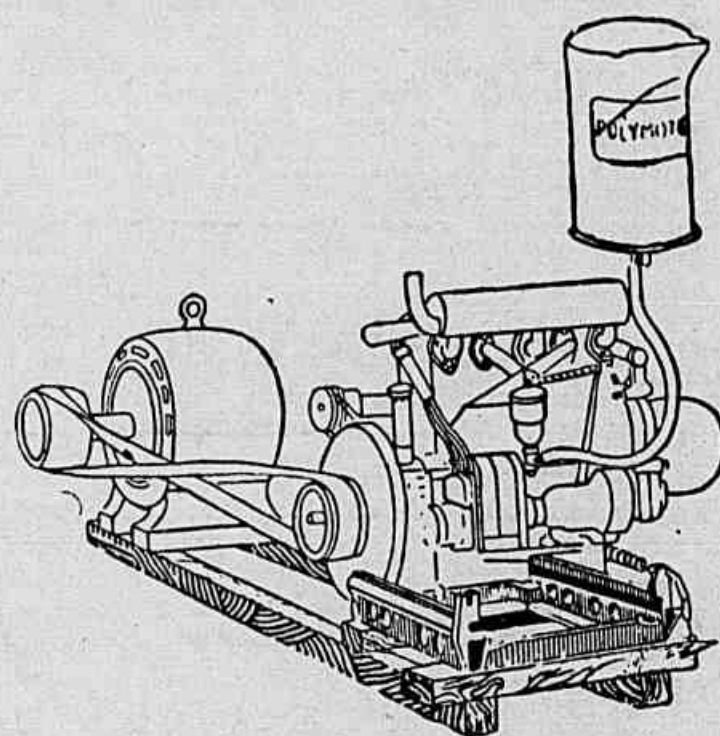
Orçamentos para cabines de cinemas no interior, mesmo em cidades onde não haja electricidade.

Usina Electrica Portatil

propria para cinemas fixos ou ambulantes, em virtude do seu peso minimo. Um motor de quatro cylindros que pesa somente 47 kilos, prompto para funccionar!..

Si cada socio enviasse a Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2° andar

ROUPA BRANCA SOB MEDIDA

CAMISARIA PROGRESSO

2, PRAÇA TIRADENTES, 4 — C. 1880

Ella nos traz a harmonia [illegible]
na musica de todos os povos

reproduzida com a maxima perfeição
e fidelidade pelos discos de fama
universal nos

Phonographos e Panatropes
"Brunswick"

Offs. Graphs. d'O Malho